

# COMPLEXXOVILANOVA

UMABUSCAPROJETUALNAESCALAEMDIADESEMANA

W. CHRISTENSEN



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
UNESP – CAMPUS DE BAURU  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO – FAAC  
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA, URBANISMO E PAISAGISMO – DAUP

**COMPLEXO VILANOVA**  
**UMA BUSCA PROJETUAL NA ESCALA *EM DIA DE SEMANA***

**ORIENTADOR: CLÁUDIO SILVEIRA AMARAL**  
**CO-ORIENTADOR: SAMIR HERNANDES TENÓRIO GOMES**  
**ORIENTANDO: WILSON LOPES CHRISTENSEN BARCELLONE 730361**

**TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO\_TFG2011**



15	ESPECIFICIDADE
17	ALVO
20	QUE SÃO OS DIAS
25	CONJUGAÇÃO DE ATIVIDADES
27	CONJUGAÇÃO DE ESPAÇOS
28	ESCALA
30	O MODERNO
32	ÁREA DE PROJETO
38	MEMÓRIA E SOBREVIVÊNCIA
39	O COTIDIANO E A INFORMALIDADE
40	CONJUGAÇÃO DE ESPAÇOS/ATIVIDADES/O ALVO
44	PROGRAMA
45	CRIAÇÃO/DEVANEIO
54	DO DEVANEIO À CONCEPÇÃO
56	IMPLANTAÇÃO
60	MATERIAIS E TÉCNICAS
62	EDIFÍCIO 1
74	EDIFÍCIO 2
96	EDIFÍCIO 3
100	EDIFÍCIO 4
105	CONCLUSÃO
107	BIBLIOGRAFIA



*eu, o mundo gira!*





à Simone Christensen por sua generosidade, paciência e cumplicidade;

à Memória de meus pais com saudosa lembrança.



Aos meus familiares: Lídia Christensen e família, Fábio Rosane e Simone Christensen por me apoiarem em cada momento de concretização deste sonho; Elisa, Sthefany, Vitor e Wesley por sempre somar e a Elisabete Ribeiro e Família que tenho como meus.

Aos amigos Paulo Henrique, Nataly Pontes, Tatiane Bandeira, Ronaldo Araújo e Juliana Molina e suas respectivas famílias.

Aos companheiros de sala Sulliman Gato, Sódica (Taís Schiavon), Catota (Natália Grejo), Betânia (Gisele dos Santos), Sarna (Diogo Fogaça), Costelinha (Luiza Lutti), Ema (Alicia Beatrice), Babalú (Bruna Furlanetto), Paula (Lara Migliore), Balalaika (Viviane Denadai), Sedex (Victor Lucredi) e Slot (Cássio Abreu) por toda atenção dada neste momento complicado de feitura deste trabalho. Ainda, a todos amigos da turma de 2007 de arquitetura da Unesp Bauru.

Aos amigos Fronha (João Felipe Lança), Violeta (Maria Fernanda Nery e família), Poró (Airton de Barros e família), Liminha (Henrique Lima e família), Uai (Gabriela Franco e família) e Maguila (André Ribeiro) que tornaram efêmeros meus momentos difíceis e eternizaram os bons. Aos inesquecíveis Stika (Guilherme Bissoli) e Vera Fischer (Caio Grotti).

Às repúblicas PQP, Tijuca da Barra e Submundo. Ao Yuhu (Yuhu Minami), Vemelho (Bruno Carron), Luma (Victor Sotorilli), Tétris (Caio Yashima), Dú (Luís Eduardo Saldanha), Crêw (Raul Sanches) e Shaolim (Caio Mizutani) moradores e amigos da minha casa Tijuca do Morro e guardiões da Mahoo (cachorra): serei eternamente grato a cada um.

Aos sócios e equipe do escritório FGMF\_Forte, Gimenes e Marcondes Ferraz, à arquiteta Clara Reynaldo do CR2 Arquitetura e ao arquiteto Ricardo Bellio do Grupo de Desenho pela dedicação, prontidão e oportunidade de compartilhar estes primeiros momentos na carreira profissional e desenvolvimento deste trabalho.

Aos moradores, prestadores de serviço, comerciantes e transeuntes do Parque Cecap que colaboraram com depoimentos indispensáveis, de fundamento, a este trabalho. Aos vereadores Luiza Cordeiro e Geraldo Celestino pelos depoimentos e informações técnicas da área. Aos formadores da AMOCECAP (Associação de Moradores do CECAP): Rodrigo Baréa, Sandro Antunes e Marieta Dutra que lutam por melhorias e memória do bairro.

Ao DAUP (Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo) da UNESP- Bauru: aos professores e aos funcionários que deram suporte e contribuíram para minha formação e, como consequência, para este trabalho.

À professora Marta Enokibara por sua constante disposição em nos atender com qualidade; à arquiteta Daniele Fernandes por seu acompanhamento e aconselhamentos durante esses anos; à professora Saletinha por permitir-me construir, conjuntamente com ela em sala de aula, conceitos principiantes deste trabalho.

Ao professor Paulo Masseran pelas discussões projetuais no TPI IV e críticas essenciais a este trabalho; ao professor e amigo Samir Herndes por apoiar "minhas loucuras", contribuir significamente para o meu pensamento arquitetônico e co-orientar este trabalho.

Ao professor e orientador deste trabalho Cláudio Silveira Amaral que teve a difícil tarefa de compreender a minha maneira de traduzir os principais pontos deste trabalho. Grato por sua disponibilidade e prontidão. À sua família pela permissividade e simpatia ao me receber.

À Deus em quem deposito minha fé e esperança.



A construção do contemporâneo passa, antes, pelo processo de sua compreensão. Isso é fato mundial que contribuiu para a valorização de especificidades: dentro de uma proposta de “Mundo Globalizado”, a diferença é exaltada numa busca de identidade e personalidade frente a regras, formatos e padrões. Sendo assim, em contraponto à eternização da média, à estatística e ao comum, surge o único, o específico, o natural.

A arquitetura do século XX foi marcada por teorias que auxiliaram, e muito contribuíram, para a construção organizada das cidades. A proposta de um pensamento urbano pairando sobre o público, comum e impessoal foi essencial para a solução da cidade caótica, desarticulada e insalubre.

Mas qual é o limiar entre a impessoalidade e a personalidade? Até que ponto deve-se manter a busca do favorecimento de muitos em detrimento de poucos? E se na verdade não acabar favorecendo ninguém? Como propor o projeto de uma cidade democrática sem atingir as suas especificidades?

Estes questionamentos estão presentes no livro “Quando a Rua vira Casa” que apresenta a contradição da aplicação de teorias urbanísticas difundidas no século XX na cidade do Rio de Janeiro: em busca de grandes avenidas e conjuntos residenciais, o projeto acaba por afetar o tradicional Bairro do Catumbi que possui valores além dos materiais. Bairro que possui suas especificidades, personalidade e por isso merece seu destaque.

Este trabalho (TFG) interfere na área do Conjunto residencial Zezinho Magalhães Prado \_ Parque Cecap \_ e tenta entendê-lo, buscando sua “gramática”, seu dia a dia, sua organicidade com o intuito de tentar traduzi-lo em projeto edificado.

A referência de sua escala de atuação “em dia de semana”, feita no título, traz a noção de cotidiano, pessoalidade e informalidades. Características essas que foram alvo do partido arquitetônico que procurou atender suas demandas no programa, nas estruturas e nos materiais.

Frente a esse nosso tempo marcado pela produtividade, a busca é pelo bairro, suas pessoas e sua memória. A busca da sua virtualidade. A busca em manter sua personalidade utilizando as ferramentas urbanísticas cabíveis. A busca de trabalhar a localidade que contribua para o funcionamento de uma cidade democrática e comum na tentativa de favorecer muitos e poucos. A busca de desenhar o contemporâneo depois de compreendê-lo e destacar o essencial cotidiano.

A expressão “em dia de semana” é do poeta Guimarães Rosa. Utilizou para qualificar o comum, o simples, e claro e corriqueiro.



Propor um objeto arquitetônico que traduza as reais necessidades do bairro Parque Cecap levando em consideração sua história, seu tempo, suas necessidades, seus anseios, seus usuários e seus sonhos.

Desenvolver um programa de usos demandado respeitando a identidade, a vida e as contradições da localidade.

Um projeto que resgate pontos importantes e cabíveis de teorias urbanísticas já consagradas e difundidas no século XX a partir da perspectiva única da vida cotidiana da área estudada.

Um desenho que favoreça a apropriação, a conjugação e o uso no limiar entre o público e o privado, o dentro e o fora, o íntimo e o coletivo.

Uma escala específica, natural e atraente







## DE QUE SÃO FEITOS OS DIAS ?

- De pequenos desejos,  
vagarosas saudades,  
silenciosas lembranças.

Entre mágoas sombrias,  
momentâneos lampejos:  
vagas felicidades,  
inatuais esperanças.

De loucuras, de crimes,  
de pecados, de glórias  
- do medo que encadeia  
todas essas

CECÍLIA MEIRELES



Constata-se que nosso cotidiano fora retratado nas artes em geral diversas vezes: seja nas músicas de Chico Buarque; nos poemas de Drummond; nas pinturas de Portinari; na literatura marginal de Ferréz; na definição do cinema novo por Glauber Rocha, que “com uma câmera na mão e uma idéia na cabeça”, mostrou, ao mundo, o dia a dia do homem brasileiro:

*“Nosso cinema é novo porque o homem brasileiro é novo e a problemática do Brasil é nova e a nossa luz é nova e por isso nossos filmes nascem diferentes dos cinemas da Europa.”*

Em sua retratação, o cotidiano trás tempo, memória e espaço.

*“Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.*

*Minha mãe ficava sentada cosendo.*

*Meu irmão pequeno dormia.*

*Eu sozinho menino entre mangueiras*

*lia a história de Robinson Crusóé,*

*comprida história que não acaba mais.”*

Trecho do poema Infância\_CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

No contar de uma história de infância, ou das travessuras adolescência, ou ainda, da rotina adulta, estes três eixos serão presentes.

É nesse sentido, que as atividades simples diárias ganham força: a simples ida ao supermercado, à escola, à igreja; a pelada de futebol no fim de semana; o jogo de bolinhas de gude; o primeiro beijo; ir ao cinema com amigos; as viagens com a família; ir ao clube; ir ao trabalho; ir à feira; tudo isso consiste em histórias pessoais, fatos coletivos e identidade social. Tempos, memórias e espaços na construção de um dado universo.



*"o que se passa todos os dias; o que é comum"*

Dicionário Houaiss

As mais diversas atividades, realizadas costumamente, podem ser associadas a dois universos: o da rua e o da casa. O primeiro pode ser caracterizado pela formalidade, aparência, coletividade e publicidade. É o espaço onde o homem propõe e respeita regras, atende a normas de grupos, pratica com a civilidade e cidadania. Cabe aqui, o trabalho, o estudo, a reza, o lazer, a compra, o entreter, entre outros.

Já a casa, reflete personalidade, descanso, intimidade, privacidade e informalidade. É onde se recebe os próximos, pode não respeitar algumas regras ou até mesmo criar outras, sente-se seguro e protegido. Cabe aqui, a fofoca, o churrasco, o choro, a recordação, a irreverência, o descaso, a memória e a saudade.

Todos os dias, rompe-se o limite entre esses dois mundos: de casa para o trabalho, daí para a escola, e finalmente, retornamos para a casa. Mas será que esse limiar e composição de cada um desses universos são precisos?

*"Navegar é preciso, viver não é preciso"*

Fernando Pessoa

No dia a dia, principalmente do povo brasileiro, há diversos casos em que essa caracterização é reinventada: a casa é o lugar do trabalho; o churrasco acontece na rua; a memória está, também, na compra; o lazer está na fofoca. Não é difícil vermos costureiras, mecânicos de autos, cozinheiras trabalharem em casa. Não obstante, festas de santos (São João, Cosme e Damião) que ocorrem na rua, assim como comemorações de aniversários e jogos de copa do mundo. Ainda, gerações diferentes de uma família que freqüentam bares de bairros onde são tratados com intimidade; a lembrança de vendedores de doces (biju, maça do amor, algodão doce) que causa nostalgias e água na boca.

Devido à formação histórica e estrutural, o cotidiano do brasileiro é marcado pela transitoriedade entre a rua e a casa, condicionando, em muitos casos, a diluição entre tais pólos. Faz com que atividades ébrias, simples e comuns fiquem registradas no eixo espaço, tempo e memória e nas linhas da sensibilidade de poetas.

## QUEM É INFORMAL

ausência de composição organizada  
RELATIVO ÀS CONDIÇÕES EM QUE  
nãooobservatofinalidades  
HÁ FAMILIARIDADE OU DESCONTRACÇÃO

A ebbriedade das atividades cotidianas nos revela o conceito da informalidade: entende-se assim, a atividade que se desloca dentro do seu próprio universo ou desloca-se para o outro.

Talvez a atividade de trabalho seja uma boa escolha para exemplificar: no universo da rua, o trabalho segue as normas de formalidade (horário, regras, padrões). Um deslocamento dentro de seu próprio universo, outro trabalhador teria uma autonomia maior, seguindo em parte os padrões do anterior, ainda respeitando algumas premissas do espaço público por estar nele (por exemplo, um vendedor de bolas que respeita o patrimônio, o privado, mantendo comportamento de cidadania e civilidade). Já o deslocamento da rua para o universo da casa, é determinado quando as atividades de ambos ocorrem concomitantemente (por exemplo, a costureira que cuida dos filhos e atende clientes)



## CONJUGAÇÃO DE ATIVIDADES

É neste momento, que constatamos a conjugação de diversas atividades numa dada espacialidade.

*"a vizinhança reconhece no armazém um apoio importante. Aí são fornecidos os mais diversos serviços: compras de última hora; um remédio; o telefonema de urgência. "É o lugar pra onde a gente corre se tem dor de barriga". Além disso, é um ponto de encontro para as mulheres que, reunidas sob o pretexto das compras, podem passar horas conversando."*

(SANTOS e col. Quando a rua vira casa. Rio. 1985. pag. 30)

Nesse exemplo, num armazém do bairro do Catumbi no Rio de Janeiro, pode-se observar a quebra da formalidade quando se acrescenta uma nova função à de comércio já estabelecida: a de ponto de conversas. O "passar horas conversando" aproxima-se do conceito de intimidade que se inclui no universo da casa; já o "armazém" se aproxima do universo da rua, do público. Este espaço além de uma estrutura para a exposição e aquisição de mercadorias, oferece também, a possibilidade de permanência, de sociabilidade. Esta conjugação caracteriza a riqueza de um espaço, marcando e definindo sua função social.

*"O bar do Garrincha ainda apresenta outras particularidades. É uma espécie de clube, o que é atestado de várias formas. Desde o décor do ambiente, cheio de bandeiras dos diferentes times cariocas, até o seu fechamento para o almoço."*

*Todos os dias na hora do almoço, o bar "fecha". Só entram os "fregueses da casa."*

ESPÉCIE DE CLUBE DOS NOTÁVEIS LOCAIS



*“O movimento do bar é todo feito pelo grupo mais assíduo de freqüentadores. São eles que, juntamente com o dono do estabelecimento, servem os fregueses. As pessoas de fora são atendidas no balcão, que abre para a calçada. As de casa têm acesso ao fundo do bar onde a mesas de sinuca se transformam em mesas de almoço para os “notáveis” da rua.”*

(SANTOS e col. Quando a rua vira casa. Rio, 1985. pag. 35 e 36)

O bar é outro caso, mais explícito, da conjugação de atividades em um dado lugar. O espaço destinado ao comércio também promove acentuado lazer. Mais uma vez, os dois universos se misturam: a relação de família, intimidade acontecendo num equipamento que faz parte do universo da rua.

A síntese destes exemplos, onde ocorre a conjugação de atividades, é a **possibilidade de apropriação do espaço por funções distintas**, possibilitada pela intimidade pessoal ou pela identidade de um grupo social. Em relação à primeira, vimos os exemplos acima. A segunda nos leva a diversas imagens: vendedor ambulante; artista de rua e outros serviços que ao apropriar-se do espaço público, criam um território de conjugações de atividades diversas como a de trabalho, lazer e compras. Em espaços como a rua 25 de Março, o bairros do Brás e Bom Retiro na cidade de São Paulo, tais atividades e conjugações contribuem para o que se denomina de “comércio popular”, onde um grupo social que pratica tais atividades, identifica sua condição e cultura nelas refletidas.

O processo de apropriações de dado espaço gerando a conjugação de atividades cotidianas distintas sustentado pela identificação de um grupo social em um período de tempo cria condições para a informalidade.

No Terminal de Transporte Intermunicipal de Ônibus e Lotação ao lado da Estação Armênia de Metrô em São Paulo, constatamos a apropriação do canteiro por vendedores ambulantes e pedestres numa conjugação de atividades (lazer, trabalho, transporte). Acontece diariamente e há um grande período de tempo. Esta rotina determina um grupo social que pratica, cotidianamente, tais atividades e que criam uma identidade. Com essa identificação, cria-se uma relação pessoalizada entre as diversas pessoas que ali freqüentam, se aproximando do universo da casa, da relação íntima, da relação baseada na informalidade.





## CONJUGAÇÃO DE ESPAÇOS

Este é outro fato importante fruto das atividades cotidianas e que influenciam nas relações de informalidade

*“As relações com o bar do Garrincha foram restabelecidas. Conjugava-se no espaço da rua um ambiente de trabalho (oficina) com um de lazer (bar). Isto se dá, sobretudo, nos fins de tarde. Os mecânicos, lanterneiros, pintores, eletricitas vêm para a frente da oficina jogar futebol. Só aqueles que ainda tem muito trabalho por fazer permanecem lá para dentro, atarefados. O Jogo de bola vai de uma calçada à outra.*”

*Há um momento na vida de Pedro Mascarenhas onde ela, ou parte dela, ao se converter num campo de jogo, une dois espaços com funções estruturalmente inversas: bar (lazer)/oficina (trabalho).”*

(SANTOS e col. Quando a rua vira casa. Rio. 1985. pag. 34 e 35)

Une-se dois espaços através da apropriação de um terceiro: a rua. O resultado disso é rompimento da barreira entre as duas atividades, anteriormente estabelecidas, conectando o bar à oficina, o lazer ao trabalho. Tem aí, a conjugação de atividades diferentes em um terceiro espaço criado. Tendo em mente as definições levantadas anteriormente, define-se aí a informalidade do jogo.

Mas outra situação pode se constituir, caso alguma alteração nestas definições aconteça.

*"Nos dias de feira, o espaço do armazém São José sofre uma redefinição."*

*"O estar, marca da relação do bar com os seus freqüentadores, é atingido nos dias de feira por mudanças que afetam a sociabilidade que lhe é característica. A intensidade do comércio que se desenrola no balcão das bebidas, reduz bastante as relações pessoais que acostumam ser mantidas em torno dele. Assuntos e conversas tem que ser adiados, pois, em muitas delas, o próprio barman é um interlocutor indispensável. Além disso, os "estranhos" passa a ser dominantes, ocupando simultaneamente o bar e o balcão que abriga que abriga as panelas fumegantes do angu."*

(SANTOS e col. Quando a rua vira casa. Rio. 1985. pag. 63)

Nesses dias, a conjugação dos espaços armazém \_ rua modifica-se: em dias comuns, as atividades do bar ganham o espaço da rua com toda sua informalidade; já quando tem feira, a rua sofre apropriação desta e é o seu espaço que adentra o bar. Nesse sentido, há certa perda da identidade do grupo social que freqüenta o bar, e assim por sua vez, distanciamento do universo da casa.

É neste contexto, que a Arquitetura ganha um papel fundamental: saber enxergar o cotidiano, seus fundamentos, sua organicidade, suas escalas.

## ESCALA

*"série de graus ou níveis, dispostos segundo a importância de cada um, em ordem ascendente ou descendente; hierarquia"*

Dicionário Houaiss

Dentro de uma proposta de intervenção, como é um projeto em uma área consolidada, é fundamental conhecer o cotidiano, as atividades, as memórias dos espaços que serão atingidos. Daí entende-se que a construção do contemporâneo começa por sua compreensão.

*“É a busca da conceituação e não as generalidades dos projetos. Estes existem em profusão, realizadas por arquitetos, mas sem a visão sistemática do espaço público: todo projeto é específico a um lugar.”*

YAZIGI, Eduardo. O mundo das calçadas. São Paulo. Humanitas. 2000. Pag 315

Um grande exemplo a ser seguido, pelo menos em parte, é o grupo que pesquisou o bairro do Catumbi no Rio de Janeiro. No livro “Quando a rua vira casa\_ A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro”, o grupo descreve a “gramática” do bairro; faz uma descrição densa, um manuscrito que roteiriza o objeto que se deseja conhecer: sua etnografia. Esse pensamento define variadas escalas que devem ser lavadas em consideração:

*“a do bairro, a da rua, a do quarteirão, a da casa, a de gente de verdade, praticando a nível material e simbólico, as suas possibilidades efetivas de vida quotidiana”*

(SANTOS e col. Quando a rua vira casa. Rio. 1985. pag. 7)

Com esse pensamento, o grupo questiona os grandes postulados do urbanismo moderno que procura a homogeneização e generalização. Acreditam que as cidades são concretizações dos modelos culturais, materializam momentos históricos se desempenham como podem. Não são objetos e não podem se comportar como se fossem.

*“O planejar é cultivar o sentido da palavra; acompanhar o dia a dia, intervir dia a dia na escala do dia a dia.”*

(SANTOS e col. Quando a rua vira casa. Rio. 1985. pag. 142)

## O MODERNO

No início do século passado, umas das grandes discussões nos Congressos Internacionais de Arquitetura era a escala. O novo modelo de cidade proposto deveria conter a livre circulação de pessoas e veículos. Este é um novo elemento a ser considerado na escala. Alguns elementos eram praticamente consenso nas discussões:

*“...a primazia e a abertura de ruas; a circulação livre; os encontros impessoais e anônimos de pedestres; o uso espontâneo de ruas e praças; e a presença de diferentes grupos sociais passeando e observando os outros que passam, olhando vitrines, fazendo compras; sentado nos cafés, participando das manifestações políticas, apropriando as ruas para seus festivais e comemorações, ou usando os espaços especialmente designados para o lazer das massas (parques, estádios, locais de exposições).”*

(CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo. Edusp)

A dois pontos podemos nos restringir: encontros impessoais e anônimos de pedestres e lazer de massas.

O Modernismo, dentro do novo contexto de propor soluções para os problemas na nova cidade emergente, com crescimento populacional ascendente e seguindo a linha do racionalismo, propunha o desenvolvimento da impessoalidade na cidade: o estar junto de estranhos. A diversidade enriqueceria o meio urbano além de passar segurança através deste desconhecimento do próximo. Isso, principalmente poderia ser concretizado nos espaços de lazer em massa.

O que nos interessa é o anacronismo de tais princípios quando aplicados incorretamente. O bairro do Catumbi, em “Quando a Rua vira casa”, eles parecem não ser aplicáveis. Aqui os valores pessoais, regionais, se chocam com esses valores do urbano moderno. Sobrepor os valores da individualidade e impessoalidade sobre um bairro consolidado pode representar o massacre de uma identidade.

Fica evidente a necessidade de se conhecer a especificidade: o cotidiano, as histórias, as memórias, o patrimônio de uma dada localidade.



## ÁREA DE PROJETO

Intensa foi a busca de uma área que apresentasse elementos suficientes para se enquadrar na proposta para este trabalho final.

O intuito era trabalhar uma área que tivesse um significado pessoal e a possibilidade de mergulhar em sua natureza. Ainda, um local que possibilitasse trabalhar diversas escalas e virtualidades. Com isso, outras duas áreas foram excluídas e definiu-se por essa que será apresentada.

### **\_bem-vindo ao universo do CONJUNTO HABITACIONAL CECAP\_ “ZEZINHO MAGALHÃES PRADO”**

A área de intervenção está inserida no CONJUNTO HABITACIONAL CECAP “ZEZINHO MAGALHÃES PRADO”, popularmente conhecido como Parque Cecap. Este está localizado na cidade de Guarulhos, próximo ao Aeroporto Internacional de São Paulo – Aeroporto de Cumbica.

O projeto arquitetônico é obra de Vilanova Artigas, Fábio Penteadó, Paulo Mendes da Rocha, com colaboração de Ruy Gama, Arnaldo Martino, Giselda Visconti, Gregório Vespaziano Puntone Renato Nunes. O projeto é de 1967 e está dentro da proposta do governo militar para a habitação social através da Caixa Estadual de Casas para o Povo\_ CECAP. O conjunto ocupa uma área de 1800 000 m<sup>2</sup>, contendo 10560 apartamentos, além de equipamentos sociais. Os apartamentos possuem 64 m<sup>2</sup>. O CECAP é assistido por um centro comercial, paróquia, ginásio desportivo, 3 praças, posto de saúde e 4 escolas.

Primeiramente, a área se mostrou atraente por sua história, intimidade e potencialidade.

O CECAP é uma referência na cidade: um ponto focal. Fica no acesso a diversas regiões da cidade e adjacente ao aeroporto. Sua intimidade, está ligada diretamente à minha personalidade: faz parte de minha infância e juventude, seja no estudo, amizades; seja na “mulecagem”. A potencialidade fica nítida quando se analisa os investimentos feitos no bairro nos últimos anos: recebeu dois hotéis de grande porte; um Hospital Estadual; a nova rodoviária da cidade, outra escola de Ensino Médio e CEFAM\_ Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério, a praça Mamonas Assassinas e ciclovia e pista de atividades. O conjunto recebeu, no seu entorno, um condomínio residencial e ganhará um condomínio vertical, o novo fórum e o Sesc Guarulhos.

Disso, a grande qualidade da área: submetida ao paradigma de um bairro comunitário e pólo de desenvolvimento e equipamentos de evolução da cidade.

RIO DE JANEIRO

GUARULHOS\_SP



ÁREA\_intervenção

ÁREA\_influência

SÃO PAULO



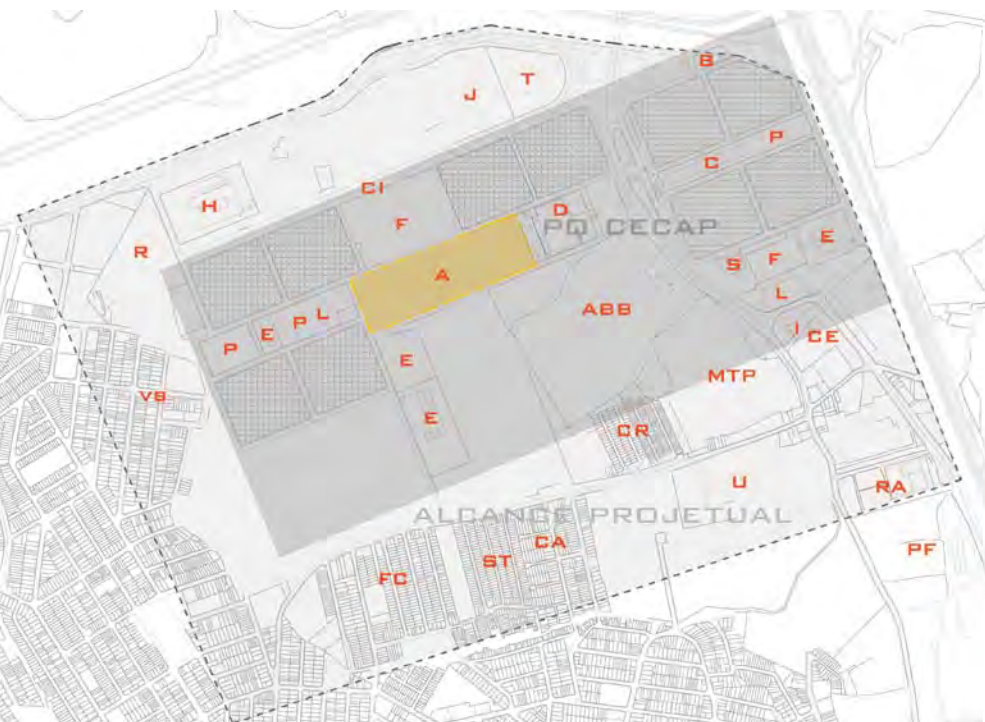
### **\_EQUIPAMENTOS E ÁREAS**

- A** - ÁREA DIRETA DE PROJETO
- P** - PRAÇA PÚBLICA
- E** - ESCOLA (MUNICIPAL, ESTADUAL, ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO)
- L** - FEIRA LIVRE
- I** - PARÓQUIA
- D** - CLUBE DESPORTIVO DO PQ CECAP
- C** - CENTRO COMERCIAL
- B** - BASE POLICIAL
- S** - POSTO DE SAÚDE
- T** - HOTEL MARRIOTT
- J** - NOVO FÓRUM DE GUARULHOS (A CONSTRUIR)
- H** - HOSPITAL ESTADUAL
- R** - NOVA RODOVIÁRIA MUNICIPAL
- CI** - CICLOVIA E PISTA DE ATIVIDADES
- F** - CAMPO DE FUTEBOL

### **\_BAIRROS ADJACENTES**

- VB** - VILABARROS
- FC** - FLOR DO CAMPO
- ST** - SEM TERRA
- CA** - BAIRRO PRÓXIMO AD CALIPAU
- CR** - CONDOMÍNIO RESIDENCIAL
- CE** - CONDOMÍNIO EDIFICADO (EM PROCESSO DE COMERCIALIZAÇÃO)
- RA** - FAVELA HATSUTA
- \_EMPRESAS**

- U** - USIMINAS
- ABB** - ASEA BROWN BOVERI GROUP
- MTP** - METALÚRGICA DE TUBOS DE PRECISÃO
- PF** - PFIZER





## \_CONDOMÍNIOS\_PQ CECAP

BA\_BAHIA  
ES\_ESPÍRITO SANTO  
SE\_SERGIPE  
MG\_MINAS GERAIS  
RJ\_RIO DE JANEIRO  
SP\_SÃO PAULO  
SC\_SANTA CATARINA  
PR\_PARANÁ  
RS\_RIO GRANDE DO SUL

## \_EQUIPAMENTOS

P1\_PRAÇA SECUNDÁRIA  
DA P2  
E1\_ESCOLA MUNICIPAL  
ENSINO FUND.  
E2\_ESCOLA ESTADUAL  
ENSINO MÉDIO  
E3\_SECRETARIA  
ESTADUAL DE ENSINO  
E4\_ESCOLA ESTADUAL  
ENSINO MÉDIO  
LT\_ESPAÇO FEIRA LIVRE  
DE TERÇA FEIRA  
A\_ÁREA DIRETA DE  
PROJETO  
F1\_CAMPO DE FUTEBOL  
DE VÁRZEA  
F2\_CAMPO DE FUTEBOL





## CONHECENDO A ÁREA

Centralizada entre os condomínios do conjunto do Parque Cecap, a área já vive a realidade da discussão proposta pelo projeto. Nela, existem dois pólos de concentração de “trailers” que procuram suprir a demanda por equipamentos e serviços da população residente. O primeiro pólo fica adjacente à rua Cristóbal Cláudio Elillo próximos aos condomínios Alagoas e Espírito Santo; à sua frente, está a pista de skate onde a “moçada” pratica seu esporte. Sempre no fim das tardes e a noite, os moradores dos apartamentos vizinhos e amigos, param para conversar e tomar uma cerveja antes do retorno ao lar depois de um dia de trabalho. O que inclui os trailers dentro da temática é o fato de eles serem informais: não há qualquer tipo de licença e regularização por parte da prefeitura.

A autenticidade destes estabelecimentos é real: faz parte do cotidiano destas pessoas: permite encontros, conversas, risadas, namoros e discussões de futebol.

Enaltecem as memórias, os sentimentos, as saudades e os planos futuros.

Não obstante, o outro pólo, localizado à avenida Odair Santanelli e em frente ao condomínio Minas Gerais, torna-se signo também, com significado parecido ao primeiro descrito.

**Com estruturas rudimentares, os trailers são apropriações da memória, da identidade e da espontaneidade.**

Atualmente, na área, ainda se encontra um principiante campo de futebol cercado e, uma borracharia informal.

No mês de maio de 2011, este espaço abrigou o Segundo Salão do Livro de Guarulhos.





Acima, a real situação dos trailers no bairro. Em seguida, a pista de Skate do bairro que é muito frequentada. E por último, uma vista da área de atuação deste projeto.



## MEMÓRIA E SOBREVIVÊNCIA

Na concepção de Artigas e arquitetos colaboradores, o Conjunto seria uma grande comunidade livre de barreiras: isso pode ser verificado nas imagens do conjunto logo após a sua construção.



Com depoimentos de alguns antigos moradores, essa coletividade funcionou até o fim da década de 80. Eram constantes e freqüentados os eventos como Baile dos anos 60, copa Cecap e quermesses.

Mas a partir dos anos 90, um processo de crise afetou o bairro trazendo um crescimento da violência e segregação dos condomínios.

Ainda nos anos 80, essa iniciante violência se agravou e possibilitou o processo de cercamento dos condomínios. Na década seguinte, viu-se o aparecimento das quadras poliesportivas dentro de cada condomínio e hoje já podemos observar espécies de mini-clubes em cada um deles. Sendo assim, a proposta de Artigas para uma comunidade ativa, unida, fica cada vez mais irreal.

## O COTIDIANO E A INFORMALIDADE

Mas apesar desse processo, pode-se encontrar uma identidade entre seus moradores. A história marcante do bairro ressurgiu sempre que algum "estranho" questiona o bairro. Símbolos como a Praça dos Mamonas, o Centro Comercial, os Trailers, o extinto Clube de mães e decadente Clube Desportivo são sempre retomados nas conversas com moradores e usuários do bairro com suas devidas saudações.

Devido a esse histórico, o bairro consegue manter uma vida cotidiana próximo do Universo da Casa. Isso pôde ser comprovado em conversas com Dona Carme da banca de jornal do Alagoas; ou então, com Senhor Lupércio da banca de jornal do Espírito. Ambos declaram com satisfação que seus clientes são seus próprios vizinhos e que esta relação íntima é a que se mantém.

Com várias visitas ao local e em conversas com os moradores, comerciantes e usuários, sempre vemos a preponderância do Universo da Rua.

O trailer de bebidas e comidas do senhor Jair, ou o do Lauro, ou o da Sandra e da Graça são ponto de encontro, principalmente para os moradores depois de um dia de trabalho. Ali, conhecidos, amigos de infância, denunciam toda a informalidade, uma intimidade que representa uma história.

A pista de skate já é um ponto conhecido do bairro. Outros esportistas vêm de bairros vizinhos para fazer uso da pista. Nos fim de semana é possível encontrar uma quantidade significativa de pessoas fazendo uso do equipamento. Este favorece momentos de proximidade entre amigos e entre familiares.

Outros dois equipamentos são de extrema importância para o bairro: a feira de terça e o varejão de sábado. O primeiro ainda mantém as características de feira como o contato entre as pessoas que freqüentam e entre os feirantes; o segundo, com uma organização mais acentuada, aproxima-se do universo de supermercado: possui carrinho para transporte de compras, administração e estacionamento, o que facilita a presença de moradores de outros bairros e até de cidades vizinhas. Os dois são fatores importantes na dinâmica do bairro, afetando o seu grau de informalidade.

## CONJUGAÇÕES DE ATIVIDADE E ESPAÇOS

Como consequência da presença desses equipamentos e de muitos outros, determina-se a gramática do bairro: sua existência e cotidiano. Nele é possível constatar alguns focos que alcançam a intimidade, a coletividade, o grupo. Quando isso ocorre, observa-se a conjugação de atividades, de espaços ou os dois ao mesmo tempo: no caso dos trailers por exemplo, o proprietário, por intimidade com seus fregueses, acabam por ter também seu momento de lazer, havendo aí a conjugação de atividades. No espaço da feira, podemos ter duas situações: duas atividades em dias diferentes (feira e estacionamento público) ou a junção de espaços dos condomínios Espírito Santo e Alagoas, caracterizando assim, apropriações de espaços.

### □ ALVO

O objetivo das visitas realizadas entre os meses de julho, agosto e setembro era de aproximar-se do objeto de estudo. Como dito anteriormente, a construção do contemporâneo começa pelo seu conhecimento. Não existe a possibilidade de tratarmos bairros como o do Cecap com tamanha impessoalidade e generalização, como se a solução de projeto estivesse em fórmulas. Tais visitas, possibilitaram um mergulho na comunidade; um atendimento em suas demandas e revolta com os seus descasos.

Com isso, pode-se elaborar duas imagens que traduzem as escalas de uso do bairro.



Essa foto caracteriza o bairro na década de 80: o vermelho simboliza os espaços de uso predominantemente íntimo, moradores do bairro, uma escala menor; já o azul (escala média) simboliza os de uso influentes de bairros vizinhos próximos; e por último o amarelo (escala maior), que exprime o uso com influências de bairros distantes



Já a imagem acima, remonta os dias de hoje e explicita a mudança de escala que os espaços sofreram. Isto auxilia na compreensão do processo de degradação que o bairro passou: um processo de individualização nos condomínios e uma apropriação de pessoas de bairros vizinhos.



Data das imagens: 15 de Dez de 2008

23°27'19.59"S 46°29'46.86"O elev 7.38 m

Altitude do ponto de visão: 2.43 km



RODOVIA DE ACESSO À CIDADE DE GRANDE FLUXO  
COM TIPOS DE VEÍCULOS DIVERSIFICADOS



AVENIDA DE ACESSO A BAIRROS COM FLUXO INTENSO  
COM TIPOS DE VEÍCULOS DIVERSIFICADOS



VIAS LOCAIS DE ACESSO A BAIRROS COM TRANSITO  
MÉDIO DE CARROS, ONIBUS E DE CAMINHÕES MÉDIO  
E PEQUENO PORTE



RUAS LOCAIS DE ACESSO A BAIRROS COM TRANSITO  
INTENSO EM MOMENTOS DE PICOS COM PREDOMI-  
NÂNCIA DE VEÍCULOS PEQUENOS



Essa outra imagem possibilita entender o fluxo de veículos que chegam à cidade e se desloca nela. É possível perceber como seria o acesso de outras partes da cidades para a região de projeto. A posição centro a direita caracteriza a região de chegada de pessoas de outras cidades e da própria em variadas modalidades de transporte.

Sendo assim, as três imagens anteriores possibilitaram uma leitura da área para distribuição do programa também respeitando as três escalas. Este programa foi estabelecido a partir de demandas levantadas com moradores, visitantes e políticos dos bairros.



Seguindo as mesmas propriedades das imagens anteriores (acrescenta-se o verde, simbolizado margem de percurso de água), determina-se onde será instalado cada equipamento do programa estabelecido em sua respectiva escala.

# programa

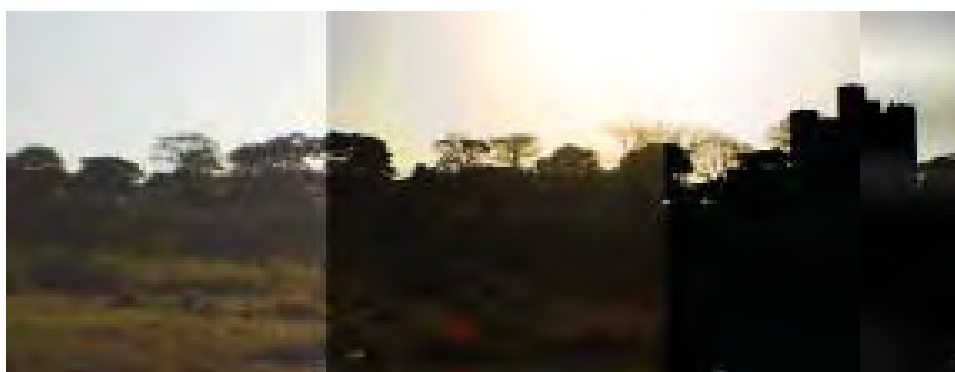
	ESCALA MAIOR	ESCALA MÉDIA	ESCALA MENOR
COMÉRCIO	LIVRARIA	SALAS COMERCIAIS PADARIA PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO	TRAILERS
SERVIÇOS	ONG'S	BANCOS PEQUENO FÁCIL	TRAILERS ASSOCIAÇÃO DE MORADORES ESTACIONAMENTO PÚBLICO
CULTURA	CENTRO CULTURAL		
SAÚDE		POSTO DE SAÚDE	
EDUCAÇÃO		CRECHE E ENSINO PRÉ ESCOLAR	
LAZER			PISTA DE SKATE CAMPO DE FUTEBOL QUADRA PAINÉIS PARA GRAFITI TRAILERS

## CRIAÇÃO

Como elemento principal do processo criativo, desenha-se o devaneio que objetiva, no nosso caso, alma de um desenho arquitetônico com intenção de respeitar os levantamentos apontados.

## DEVANEIO

Meu processo de devaneio foi desenvolvido durante um percurso de minha casa até a área de projeto, passando pelos condomínios adjacentes, considerados, também, área de estudo.



|

num primeiro instante,  
vejo prédios, casas, árvores e vãos entre eles;  
o sol ilumina a todos!

num segundo momento,  
vejo apenas o skyline,  
o limiar dele com a imposição solar.  
á agora,  
vejo sombra e luz,  
cheio e vazio,  
numa inconstante sobreposição de um sobre o outro.

já não vejo mais nada!  
tenho apenas a imagem de uma sombra,  
grande sólido,  
fruto da imposição solar.

o sólido.....o cheio,  
acima...o vazio.

momento epifânico.  
a imagem poética

ao lado, a sombra e a luz, o cheio e o vazio invadindo um apartamento.

Esse primeiro texto é a porta de entrada, o início do processo de distanciamento da consciência.

Nesse momento, o olhar sobre a paisagem acabou se desvairando em relações de uma composição entre o sólido e o vazio. Tal definição é pelo fato de que se a luz do sol chega diretamente a algum lugar, indica ausência de elementos que barrem sua propagação, ou seja, o vazio; já a sombra, interrupção de sua propagação, prova a presença de elemento, matéria, ou seja, o cheio. A interferência dos raios solares contribuiu para essa sintetização dual. Têm-se aí, a fuga do real, um momento sem tempo e espaço que consiste apenas na virtualidade dos dois elementos. No instante seguinte, a construção da imagem poética e um retorno para uma "realidade poetizada".

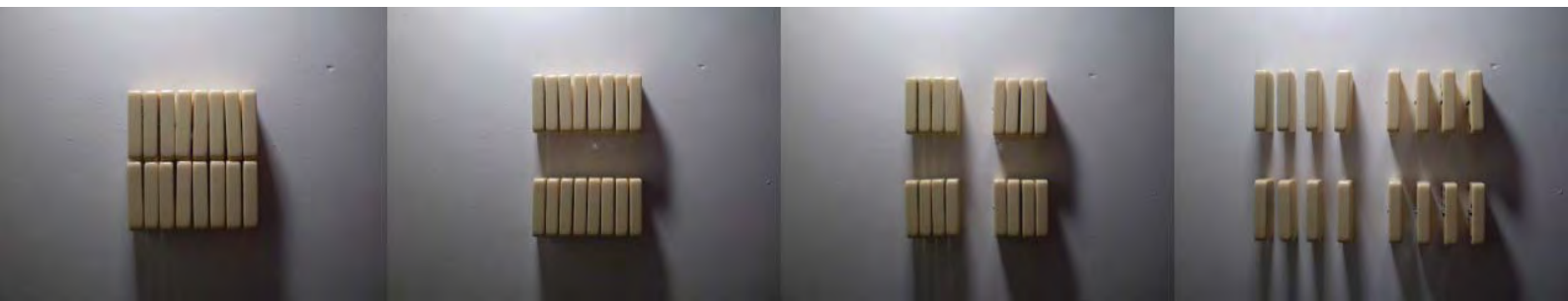
## 2

no início,  
era a grande massa rígida, monosólido, e o sol:  
forma geométrica rigidamente regular.

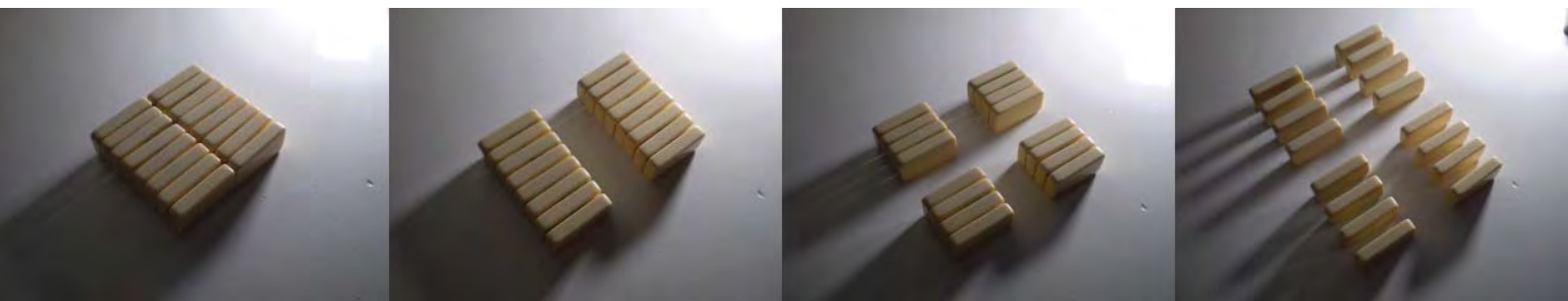
no caminhar dos dias,  
germinaram a fissura,  
a rachadura, o vão.....e o sol.

Massa divide,  
unida pelas redentoras fibras.  
e o sol...culpado sol.  
Massa..... fibras..... massa,  
e o sol.

Continuando o percurso, já próximo aos blocos dos condomínios, sob luz e sombra, o devaneio seguiu num entendimento de movimento: como se o conjunto de blocos e, por sua vez, todos os condomínios fossem, numa gênese, uma grande massa geometricamente regular, pedregulho, monosólido que em cumplicidade com a luz se distendesse, se dividisse ortogonalmente, em pedaços menores, e ainda menores: os tais blocos; isso no intuito de subsidiar a luta entre a luz e a sombra, por consequência o vazio e o cheio.



"era como se a luz e a sombra brigassem pela apropriação dos espaços. Como se as construções se movessem, se dividisse para intensificar a interação entre as rivais."



3

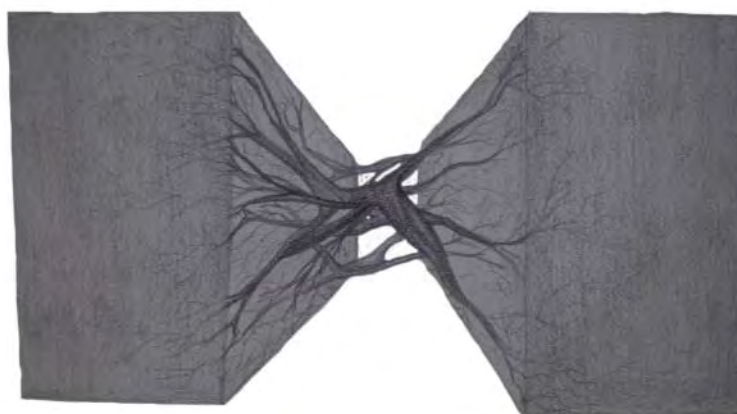
o cheio

o vazio

a fibra

a cicatriz

o processo de divisão da grande massa parece claro: monossólido, massas menores (graúdos), outra subdivisão em massas menores ainda (os blocos); por consequência, o distanciamento e a distensão. Esta pode ser concretizada nos elementos arquitetônicos escadas e passarelas que fazem a ligação entre dois blocos dos condomínios; ou ainda, os jardins centrais. Elementos que se recusam à cisão: fibras.



Entre os condomínios, massas maiores, existem outros elementos que se apresentam como fibras: praças, campos e trailers.

No caso da praça, existem outros elementos que cicatrizam os vazios, ou nesse caso, a fibra: os canteiros centrais que servem de assento, o estacionamento público, a escola e os caminhos concretados. Elementos incorporados posteriormente à cisão evolutiva, marcando, acidentando as fibras relutantes.

#### 4

Numa luta diária, constante,  
Dominam cada espaço.

Milimetricamente,  
Numa dinâmica que é vencida  
Pelo adormecer diurno,  
O cheio e o vazio  
Envolvem e penetram os pedaços do pedregulho distendido.  
Num interior que restabelecem  
Seus parâmetros de luta.

A cada instante,  
Um novo parecer.

Assim vai findando o dia:  
Numa contagem regressiva,  
Declarando óbito à disputa  
Entre o alcance e a barreira,  
Entre o vazio e o cheio,  
Entre a luz e a sombra.

As fachadas dos blocos permitem não só entender que o movimento de distensão ocorreu na vertical, como também, no interior dos blocos menores: espaço interno nos apartamentos. Processo que intensificou a batalha entre sombra e luz, cheio e vazio.



Acima, ficam explícitos seus movimentos conforme a hora vai passando e o dia findando, determinado o fim da batalha. Esta vai adquirindo novos parâmetros a cada momento, a casa deslocar de sombra e luz, para dentro dos apartamentos assim que atinge novas massas e vazios.

## 5

o vazio renasce  
e com ele as cicatrizes.

numa luta diária  
entre a imposição e a liberdade,  
entre o cheio e o vazio.



entre as cicatrizes,  
na imposição do vazio,  
simbióticos vão e vem,  
ficam e saem.  
pululam... param aqui, seguem ali;  
param denovo, seguem mais uma vez.

Se enterram... chegam e só.

É assim, é o dinamismo do vazio

aqui é referência do espaço onde está a cicatriz estacionamento. Os veículos, visto como seres simbióticos, parecem vírus, elementos externos daquele pedregulho dividido. Seus movimentos aconteciam em todas as direções e sentidos, acima e abaixo da terra, com o objetivo de pulular o espaço ocupado pelas massas.

## 6

Mais uma vez, se registra  
O movimento repartitório no pedregulho.

Aqui, as estrias  
São virtuais.

Entre novas partes,  
Nos limites das Novos Conjuntos de massa menores,  
Prendem-se com unhas e dentes.

querem honrar a unidade,  
discutir a cisão,  
recomposição do movimento da fissura.

mas parece não vencer  
as novas cicatrizes,  
a nova configuração,  
o cheio e o vazio.

Aqui, ocorre uma diferenciação do tipo de fibra: virtual. São dois trailers e um campo de futebol numa situação informal, num vazio que sofreu rompimento total de massas. O predomínio é de uma resistência metafísica tardia. Distensão virtual. Resistência que persiste na memória, na luta, na tentativa de manter a união das massas maiores, condomínios.

## 7

o monosólido rompido

vazio,  
ausência,  
perda.

da gênese,  
deste imenso monobloco  
da perfuração, distensão,  
restou apenas o vazio.

mesmo havendo pontuação de cheios,  
o vazio predomina.

não restou memória,  
não restou história,  
não restou a fé do mestre,  
apenas o vazio.

cheios nos quatro cantos,  
ao centro,  
apenas o eco, o suspiro, o sonho  
capturados pelo vazio.

nada de cicatriz,  
imperceptível distensão  
ao relento,  
ao esquecimento.

do pedregulho  
ao agregado miúdo,  
à passagem de cheios,  
à imperação do vazio.

Este é o devaneio dos devaneios.

O espaço é o da área de projeto.

Tem-se aqui, um vazio fruto do rompimento total de massas maiores. Não possui fibras e nem cicatrizes.

Os cheios são apenas sombras de pequenas árvores, nada mais. Fica aqui o processo residual da separação das massas: o agregado miúdo (pedrinhas). A luz, o cheio não enfrentam mais a batalha até aqui travada. Apenas luz, luz do sol e seu aliado eterno (calor) aguardando, sem luta, o cumprir de sua sentença diária.

## DO DEVANEIO À CONCEPÇÃO

É desse processo de devaneio que tem a gênese do pensamento projetual. Os temas cheio, vazio, movimento, inconstância, momentaneidade, distensão, cicatriz e fibras já fazem parte da concepção deste trabalho.

O fator decisivo para entender a função da área de projeto dentro do bairro foi o devaneio. Além de tudo que foi descrito acima, uma nova metáforização aparece: o vazio como sinapse. Percebe-se que a área não apresenta se quer algum tipo de cicatriz da divisão do "monosólido". O vazio livre de qualquer tipo de memória.

A função que o projeto adquire é a de transportar as informações que existem nos condomínios e áreas ao lado, transformando-o em PRÓTESE.

Metaforicamente, os condomínios e as áreas ao lado são grandes ramificações (neurônios) cheios de informações que se perdem na área do projeto e depois seguem para ramificação. *É um espaço de deslocamento de informação.*

Nesse sentido, a composição do desenho do projeto nasce de pequenas partículas (informações) externas que adentram sua área, se deslocam e compõem (verticalizam) cada edifício. Esse processo é traduzido através dos materiais e formas que procuram fisicalizar tal conceito.

Num sentido de um diálogo invertido do devaneio, aqui as massas (partículas) se unem para compor o cheio e o vazio, o permeável, o movimento.

Nasce assim, o complexo Vilanova.



# IMPLANTAÇÃO

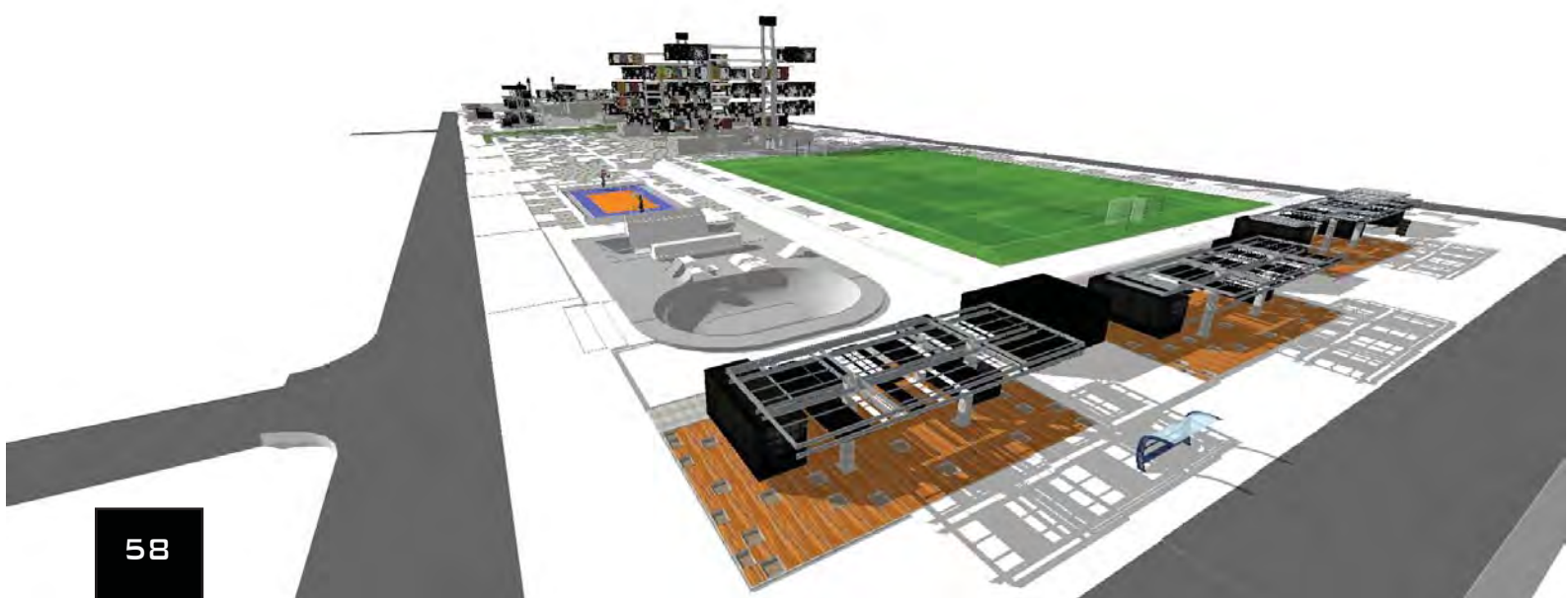


Implantação proposta levando em consideração o programa conclusivo das visitas já relatadas. Foi difícil de fechá-lo, pois a demanda era grande de equipamentos que os usuários sentem falta.

A sua organicidade foi bem complexa pois havia algumas limitações: o campo de futebol acabara de ser inaugurado; não se sabia ao certo, se o percurso de água, que corta a área ao meio, era uma nascente e assim sendo, teria muito espaço restrito à construção.

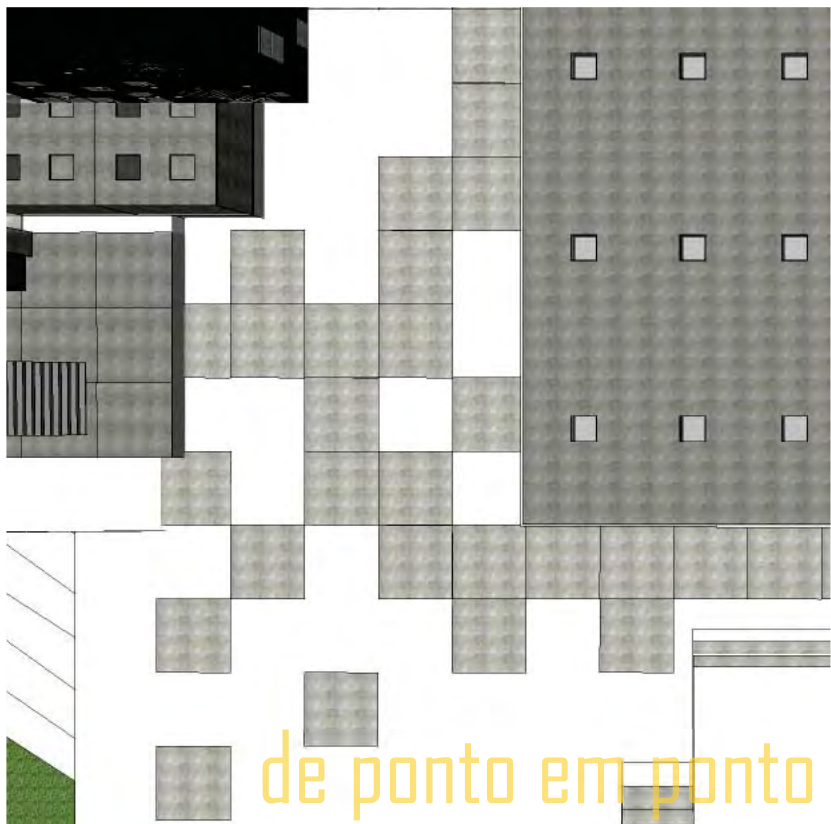
Foi pensada com o objetivo de valorizar o entorno atual, por exemplo, respeitando a Av. Odair Santanelli; possui um intenso fluxo de veículos que chegam até de outras cidades.

Para uma melhor análise do projeto, será indicado cada prédio e suas especificações.





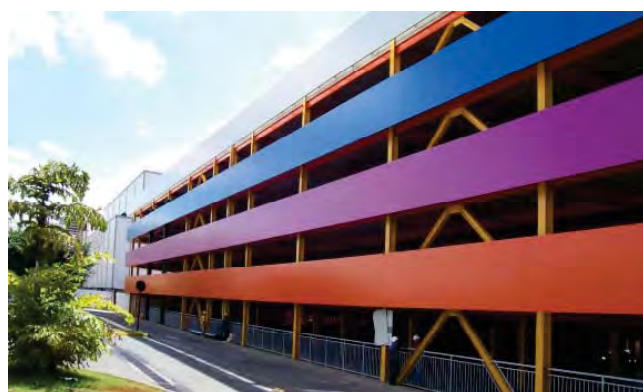
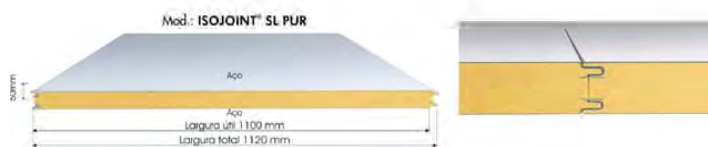
No desenho, observa-se as placas de concreto no piso vão crescendo ao se aproximar de cada edifício numa tentativa de trazer o processo de aglutinação, concentração de informações como visto no resultado do devaneio.



de ponto em ponto  
um novo cheio se consolida

Para favorecimento do deslocamento, cada edifício foi insetido em platôs. Os desníveis ocorre de platô.

Em todo projeto, existe materiais padrões, assim como sistema construtivo.

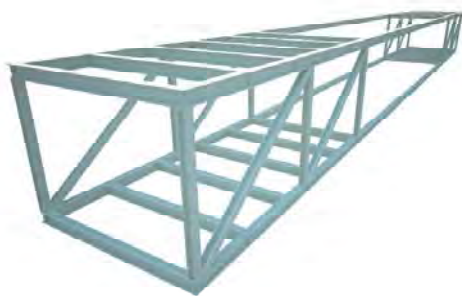


Sanduiche de chapa de aço galvanizado pintado com enchimento de poliestireno

No programa, além do campo de futebol, pista de skate, podemos ver: salas para profissionais liberais (azul), centro médico especializado CEMEG ( verde), creche (cenoura), posto de saúde (amarelo) e escola infantil ( vermelho).



Placa cimentícia e detalhe de aplicação



Sistema CANDILEVER treliçado \_  
Projeto woon em \_MVRDV\_ amsterdam

Esta imagem já é da estrutura do projeto Vilanova.

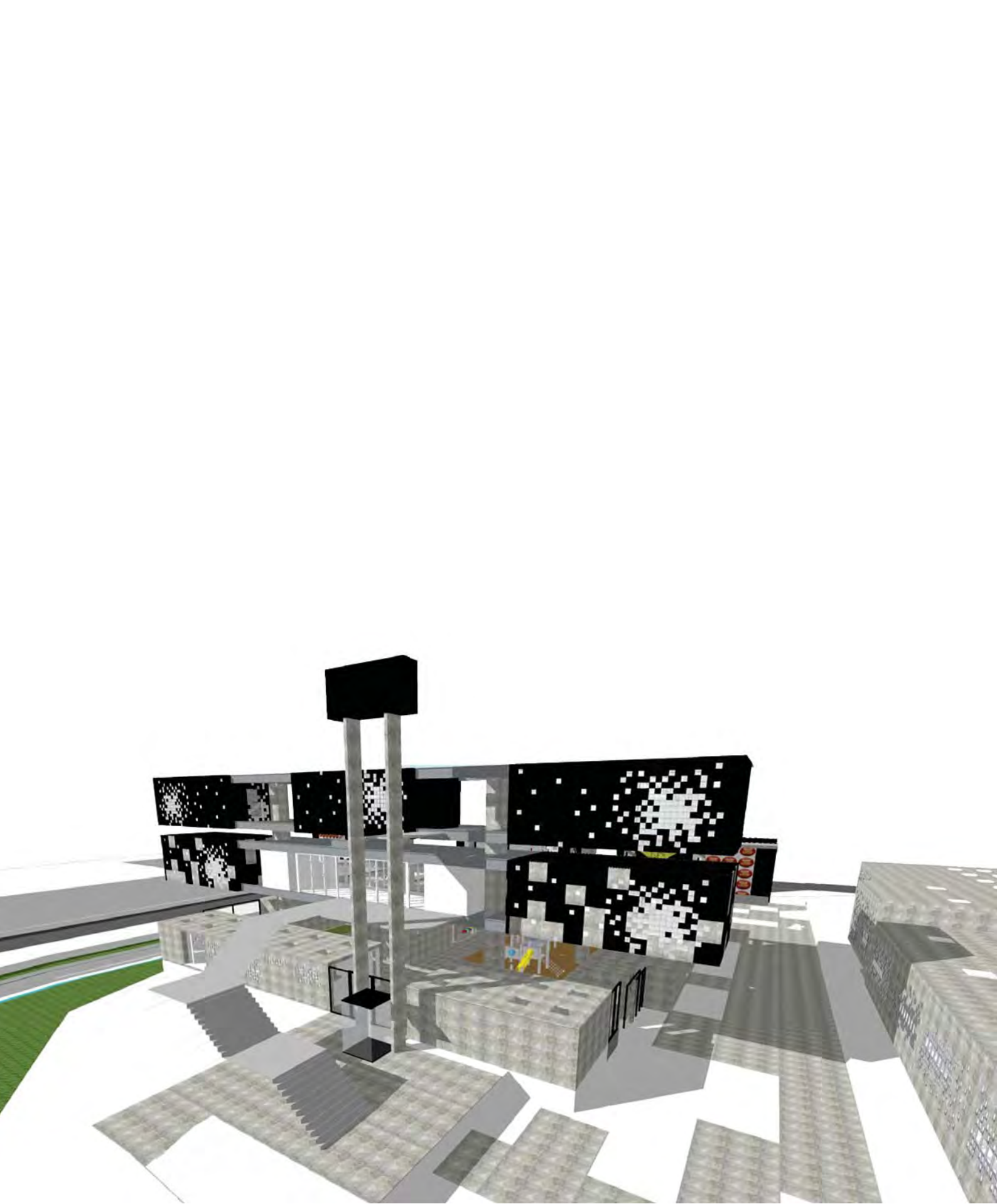


Sistema de Ponte Estaiada \_detalhe  
do mastro  
Junção do concreto e aço  
Arq. Alexandre Chan - RJ

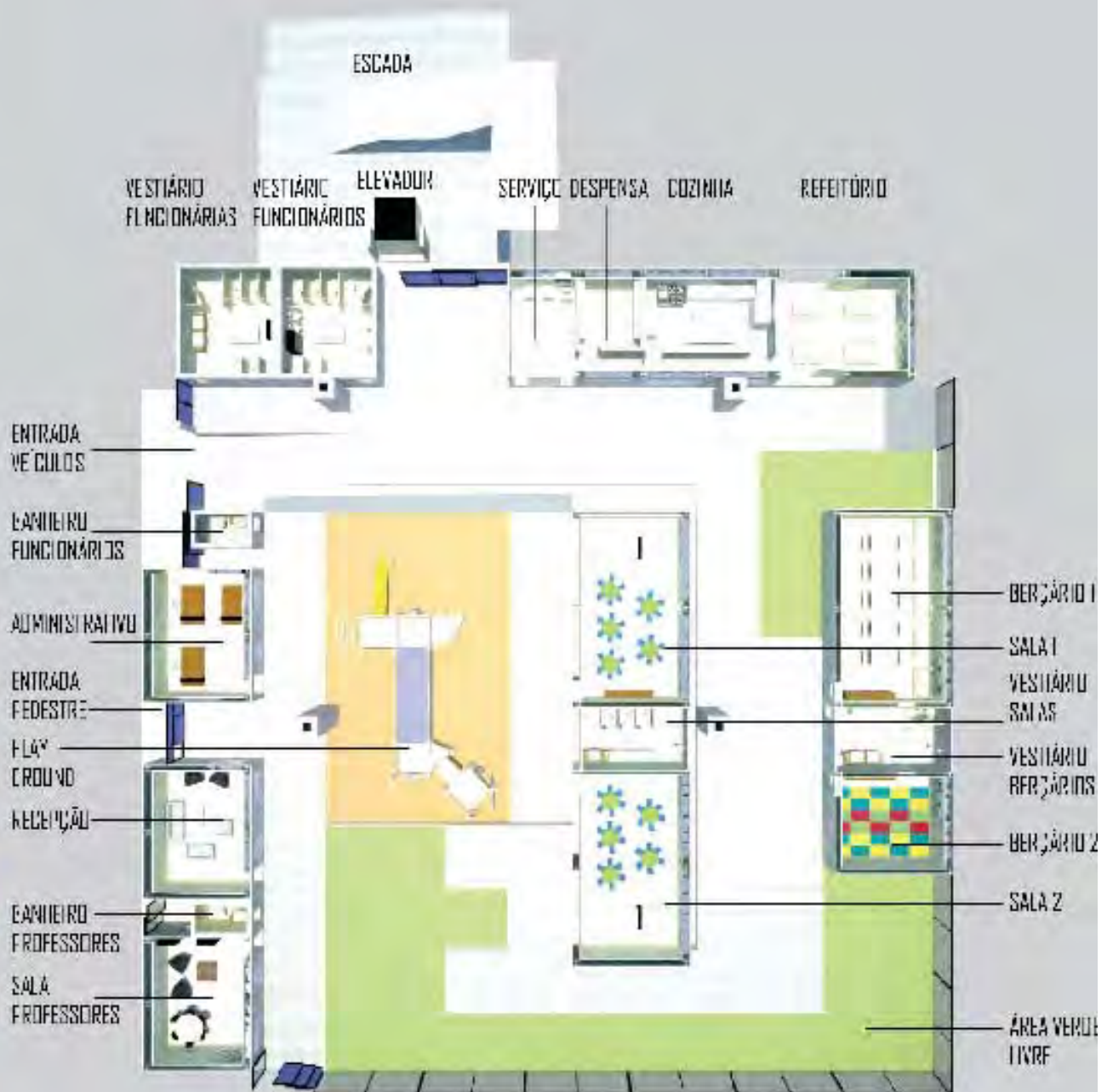
Este possui dois equipamentos: Creche (com pré - escola) e posto de saúde. Os dois equipamentos foram amplamente solicitados pelo moradores e transeuntes do local em questão projetual.

A grande preocupação era ter que aliar a especificidade de um programa escolar infantil com as propostas gerais de partido arquitetônico desenvolvido: como os mastros, placas de concreto, janelas, etc.

A opção em deixar a creche e pré escola junto com o posto de saúde está relacionado, de certa forma , com a escala que já havia sido determinada anteriormente: escala menor, para atender o bairro e, no máximo, a redondeza; e ainda, criar o fato da conjugação de atividades e espaços. Apesar de cada um ter sua independência, estabelecem fortes contatos sensoriais.

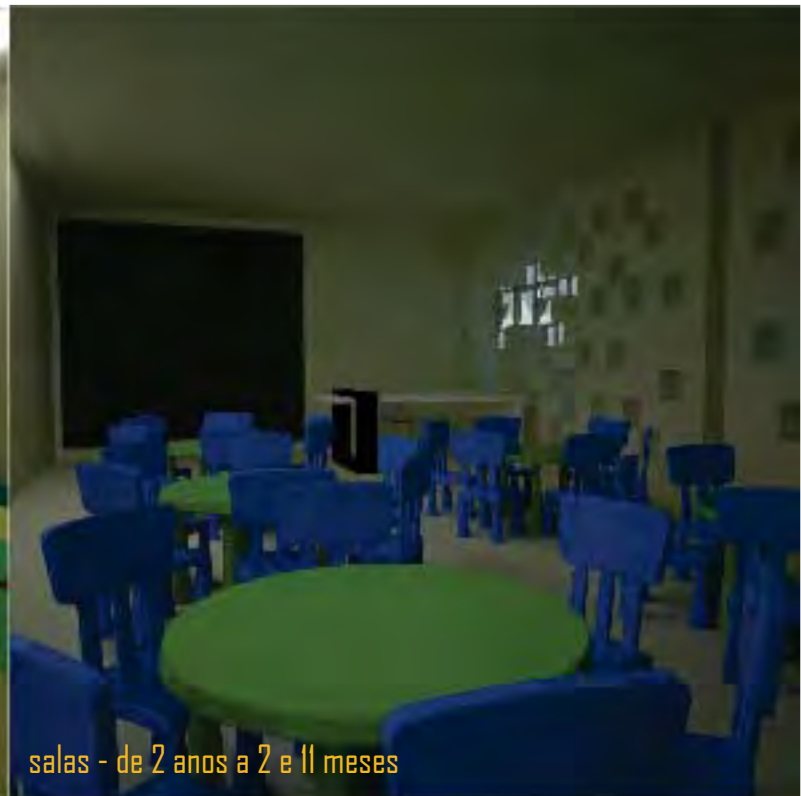




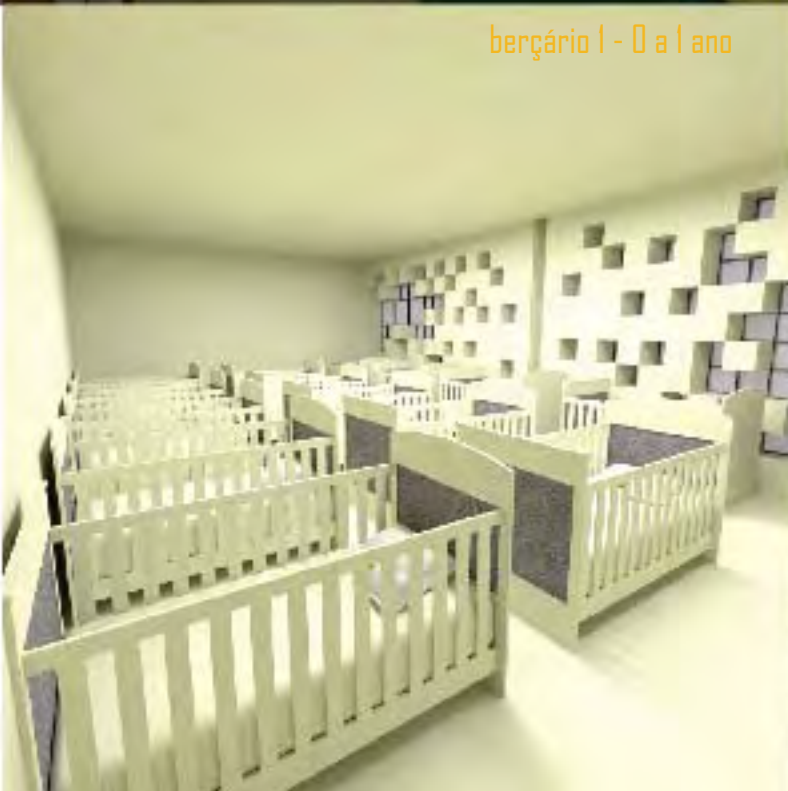




berçário 2 - de 1 a 2 anos



salas - de 2 anos a 2 e 11 meses



berçário 1 - 0 a 1 ano



salas - de 3 anos a 3 e 11 meses





cozinha



refeitório



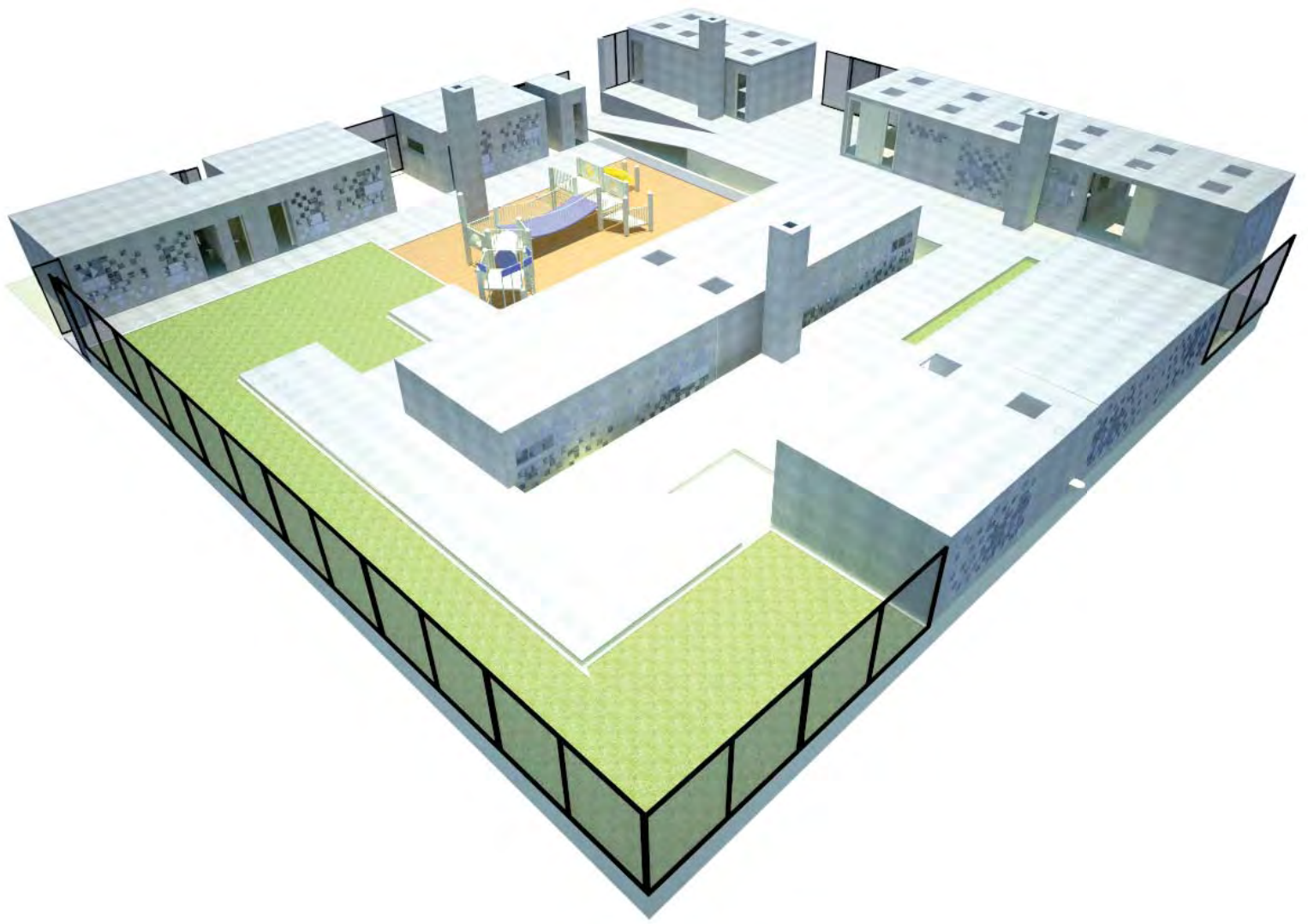
administrativo



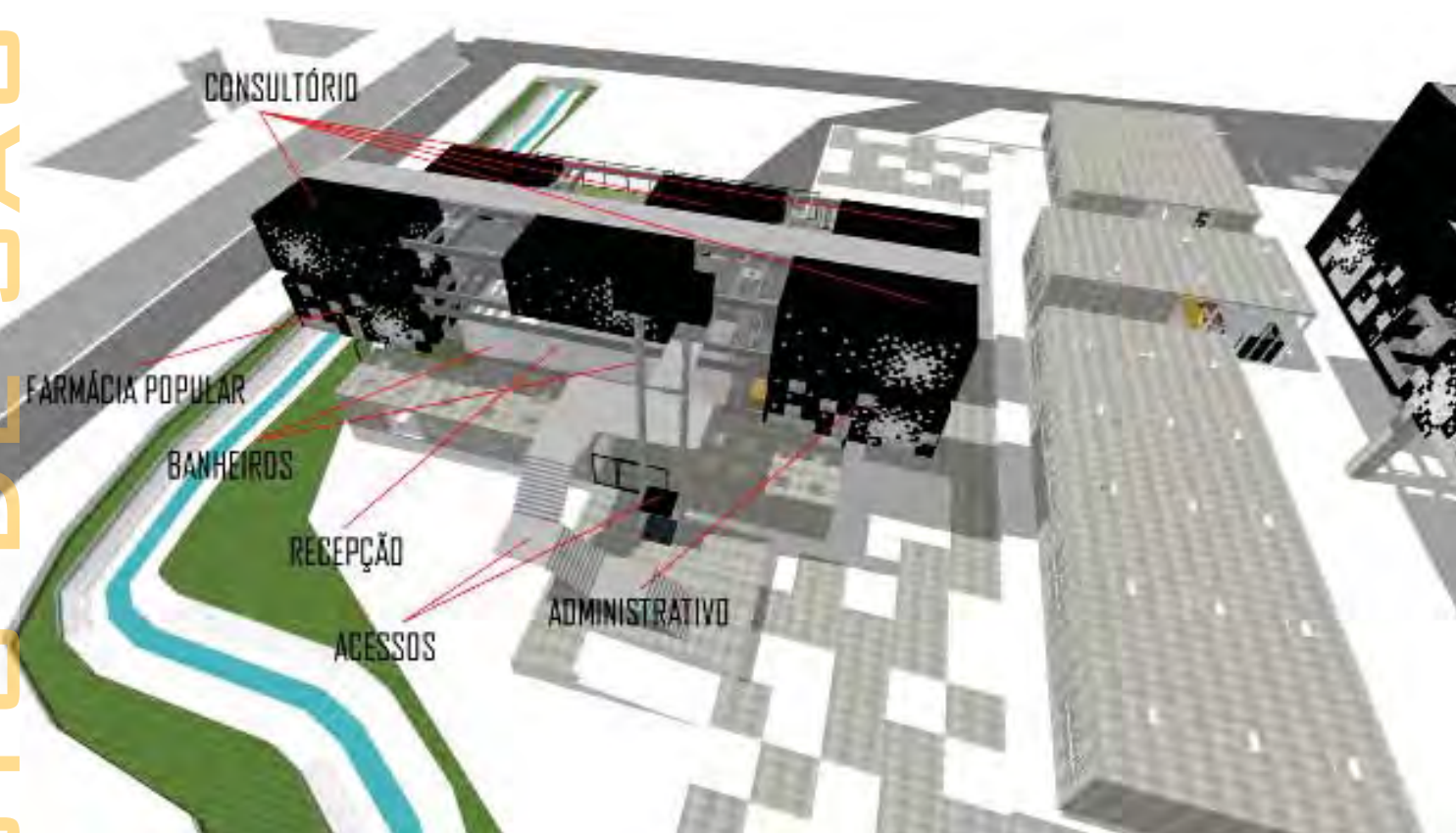
sala de espera

Diferenciação de cota para dar mais privacidade a ambos os prédios.





Desde o início do projeto, a idéia era fazer uma proposta de edício aberto, transponível e permissor. O posto não escapou de tais propostas.



A principal preocupação era de como propô-lo sem ser afetado e sem afetar a creche que está no piso inferior. O caminho foi elevar a sua laje de piso, deixando um pé direito da creche maior e deixar seu acesso ser independente da creche.

Matem-se os materiais, técnicas e tipologia como em todo o projeto.



Pode-se notar aqui, a entrada do posto está fora da creche e do seu lado menos restrito. Sobre a maior parte dela, está a área de circulação e consultórios, evitando-se assim, ruídos maiores.

DA EMERSÃO  
DE UM NOVO TEMPO,  
A LUZ E A SOMBRA  
REINICIAM SUA DISPUTA



Neste edifício, assim como nos outros que virão, existe a proposta de usar as porta de acesso , nesse caso dos consultórios, para comunicação visual e paisagismo geral, já que o edifício é aberto e possibilita o alcance visual.

Por se tratar de um posto de saúde, as imagens, divididas em três temas, fazem apelação a doenças amplamente combatidas:

1 andar\_ AIDS

2 andar\_ DENGUE

3 andar\_ CANCER DE MAMA

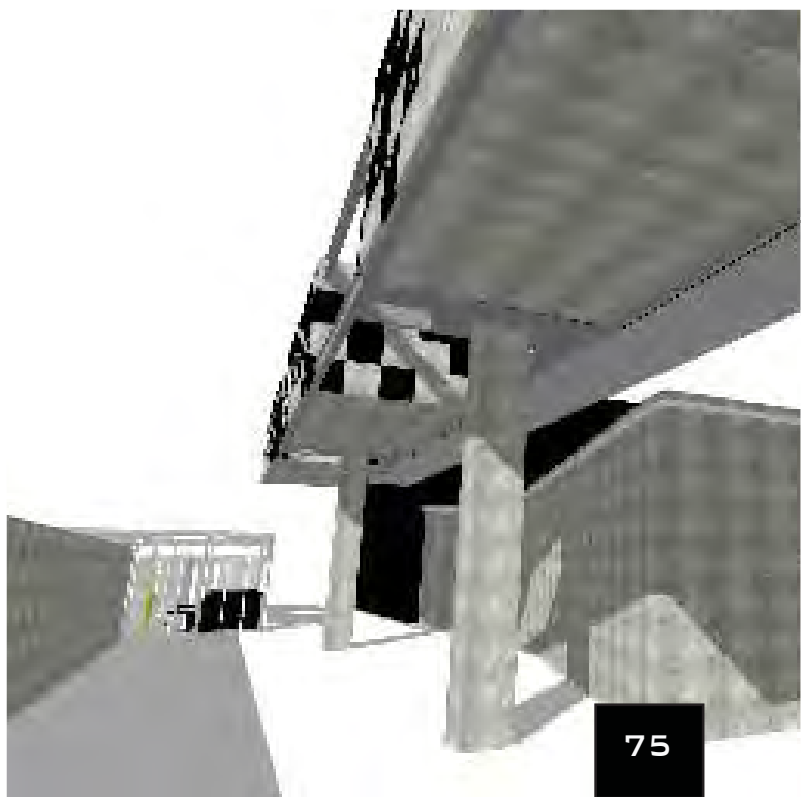


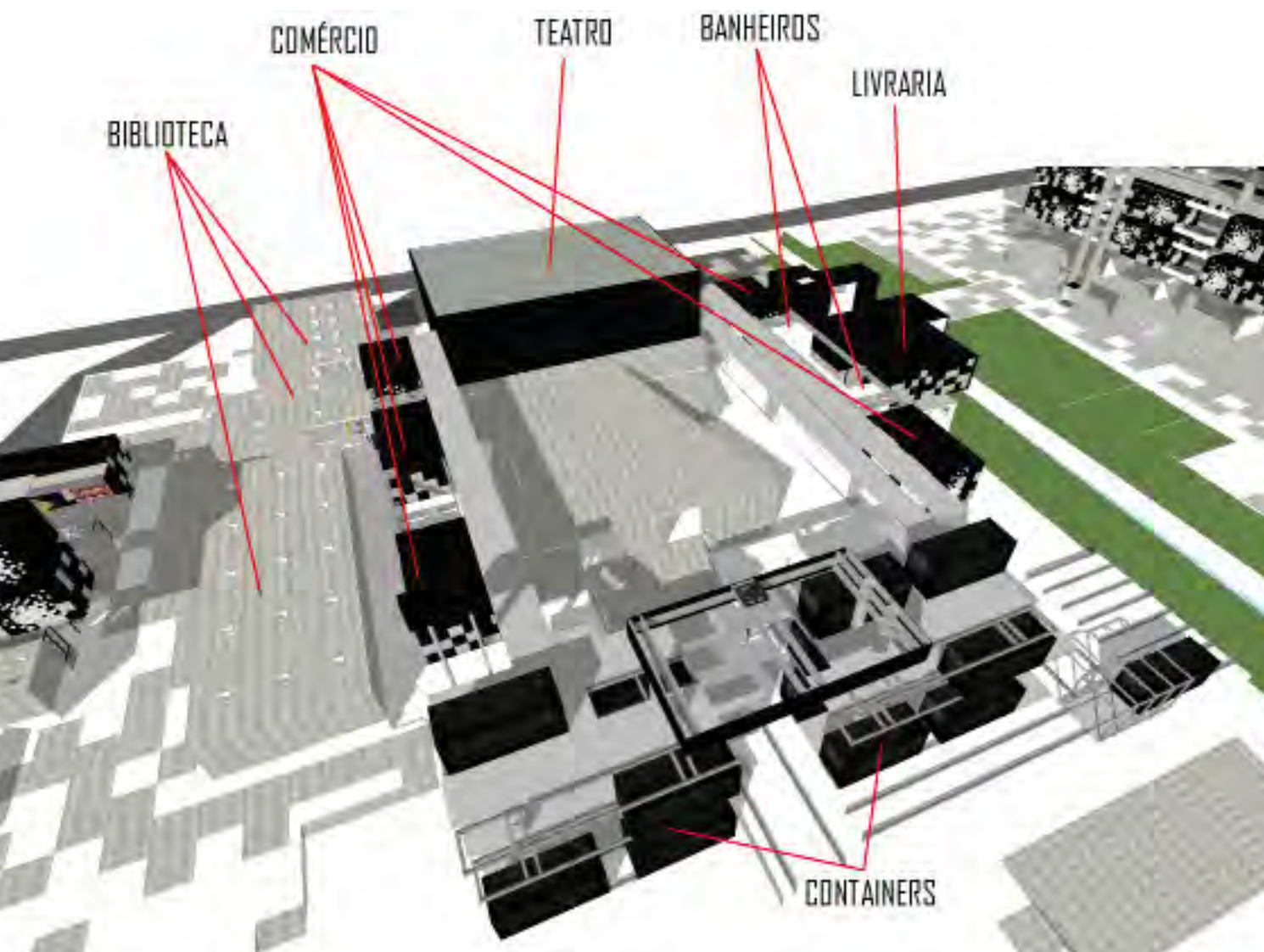
# EDIFICIO 2

74



Este edifício procura atender às demandas culturais do bairro e da região. É composto por uma biblioteca, teatro, livraria, banheiros e containers. Estes últimos escapam do tema do edifício, mas se encaixa na proposta de conjugação de espaços.



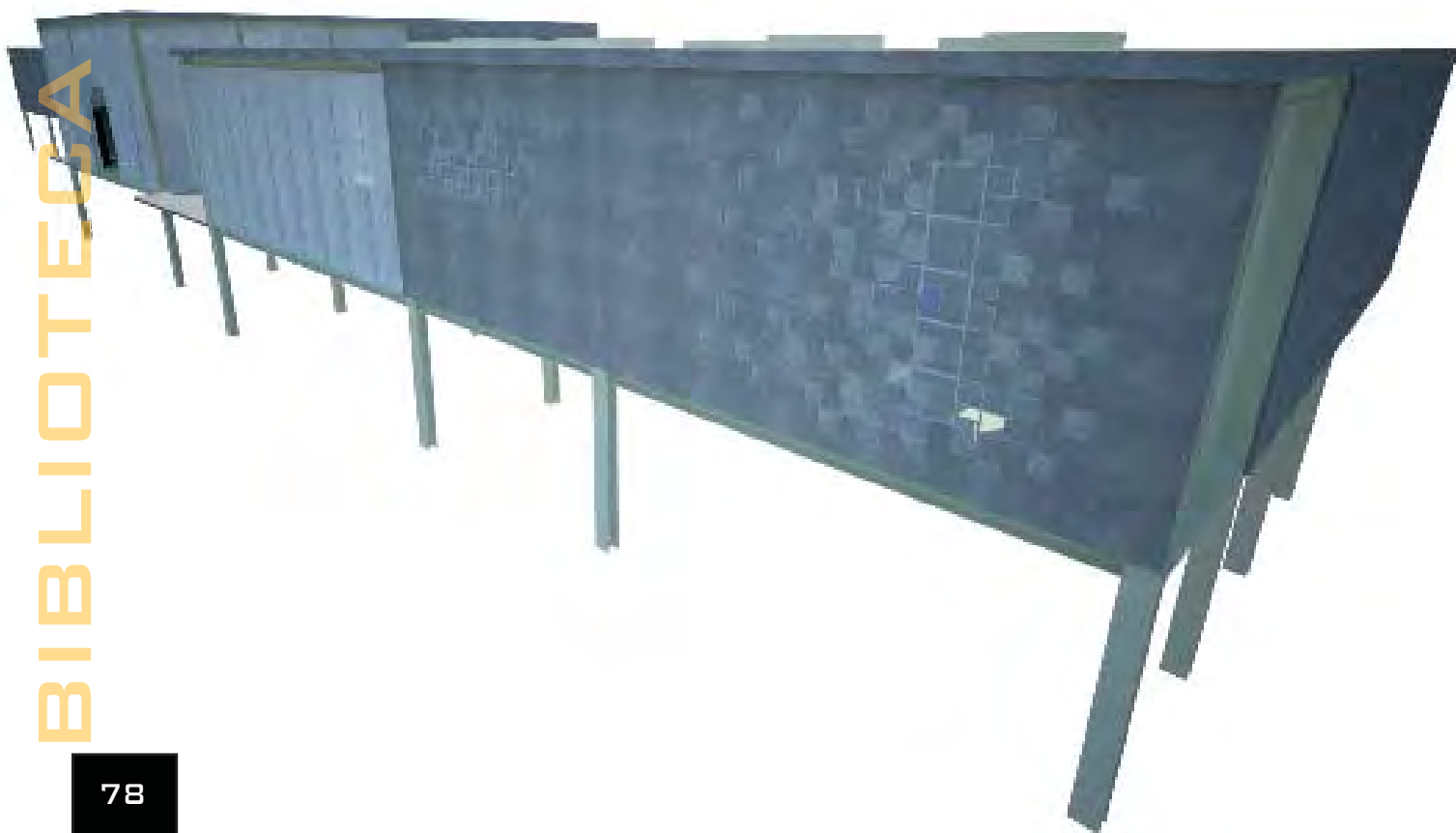




Na concepção deste equipamento, a questão da convivência foi um fator levado bastante em consideração. Procurou-se manter, ao limite, ambientes que permitissem a conjugação de usuários de diferentes idades para estabelecerem trocas importantes para todos.

Procurou-se manter meta de valorizar os volumes\_ os cheios. Por isso, o uso da estrutura Candilever foi essencial.

Para facilitar a localização e deslocamento dentro das salas, criou-se uma identificação de cores para mesas de setor de idades diferentes.



SETOR DE EQUIPAMENTOS DE ACESSIBILIDADE DIGITAL: MONITORES E PROGRAMAS ASSIM COMO BRAILE

SETOR ELETRÔNICOS COMO COMPUTADORES, E-BOOK, SCANERS, IMPRESSORAS, TABLET.

LEITURA COTIDIANA

ACIMA 16 ANOS

DE 9 A 16 ANOS

DE 4 A 8 ANOS

DE 1 A 3 ANOS

ESTOQUE

COZINHA

ADMINISTRATIVO

CIRCULAÇÃO

RECEPÇÃO

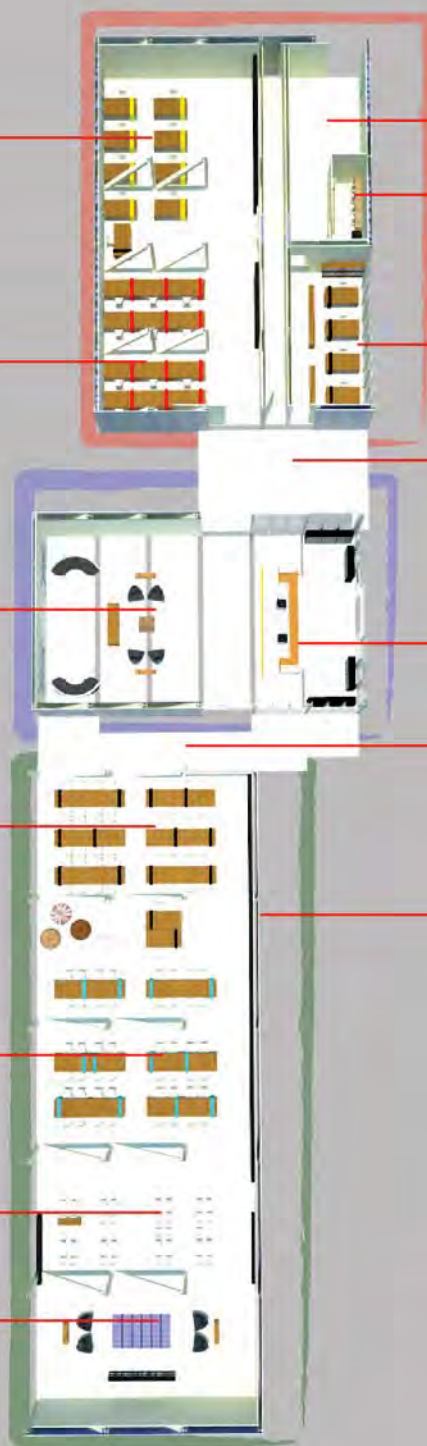
CIRCULAÇÃO

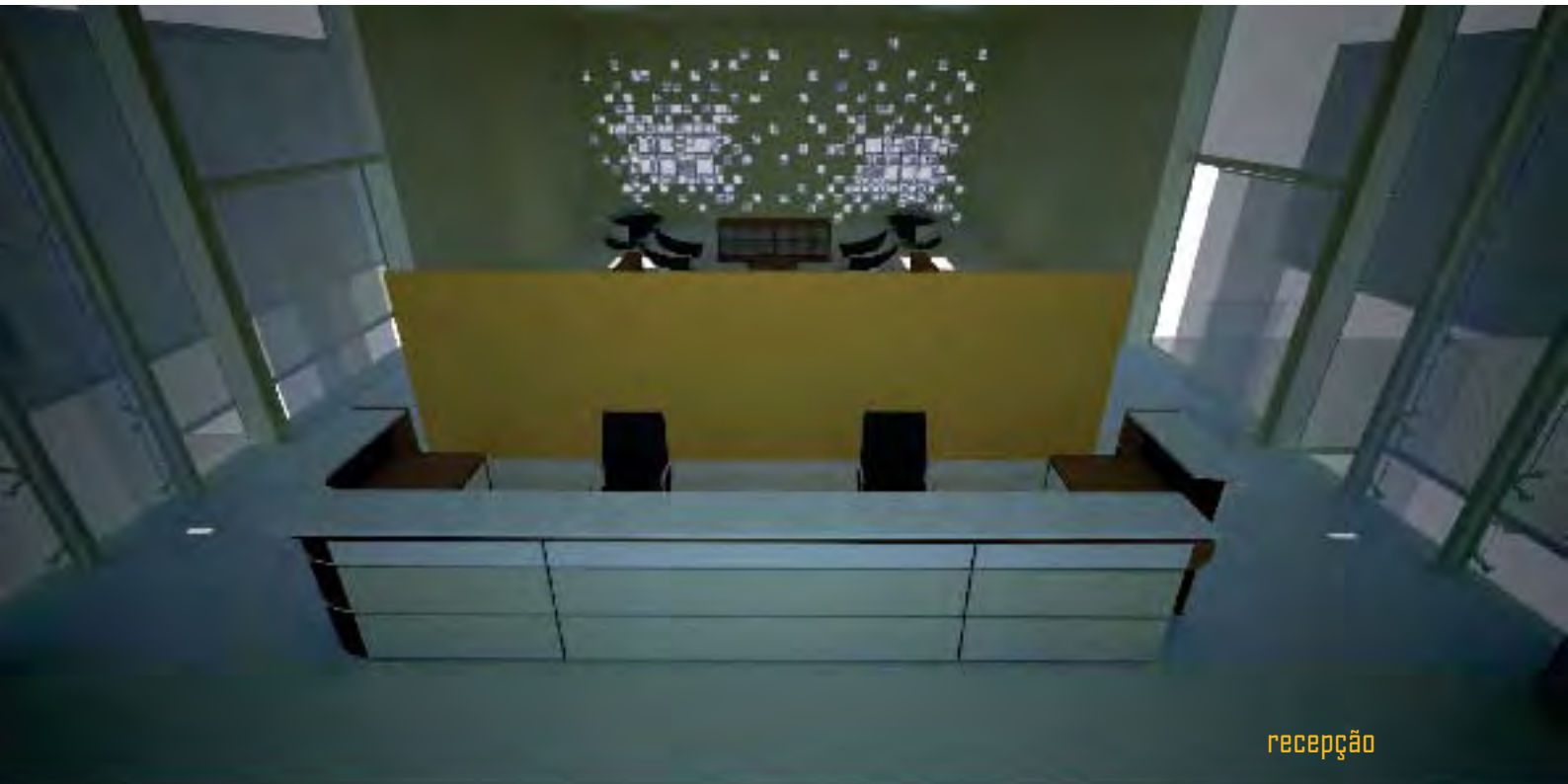
ACERVO PRINCIPAL

BLOCO ACESSIBILIDADE

BLOCO RECEPÇÃO

BLOCO COMUM





recepção



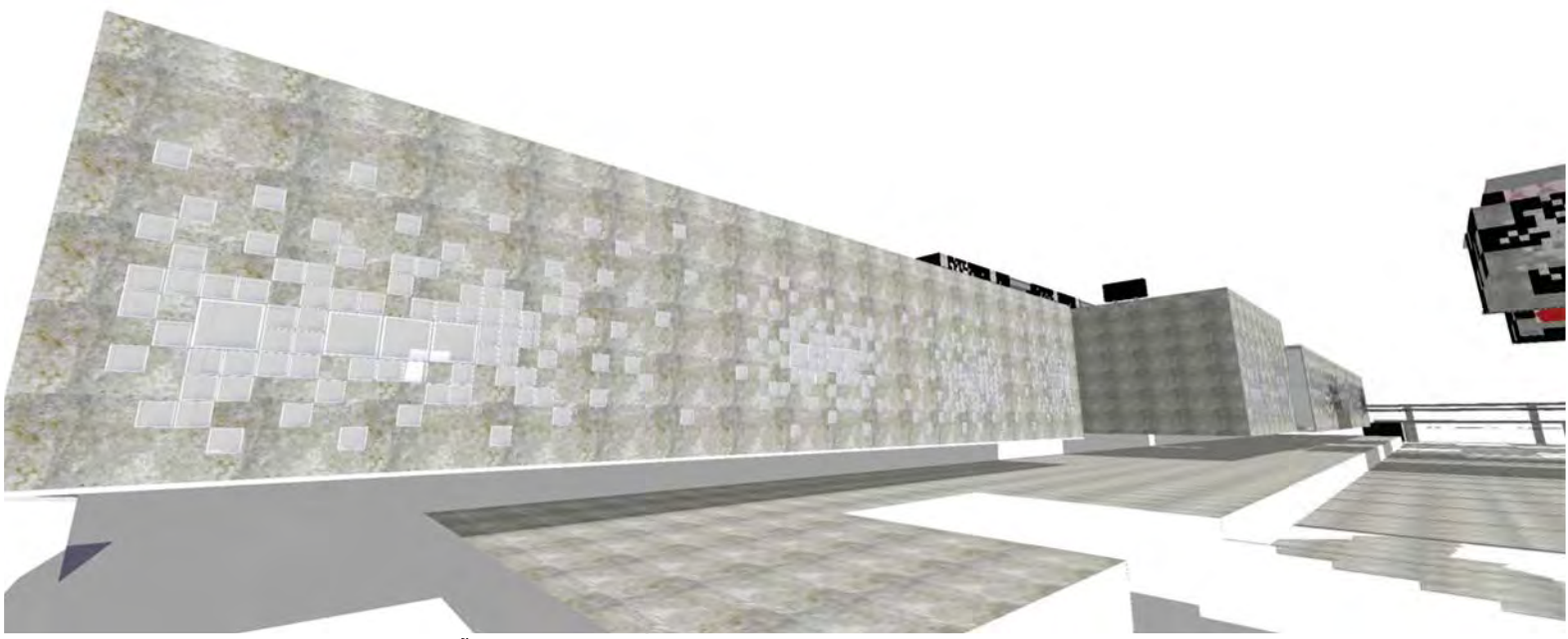
sala comum e sua divisão em cores



sala acessibilidade



administração



PERSPECTIVA BIBLIOTECA: VALORIZAÇÃO DOS VOLUMES

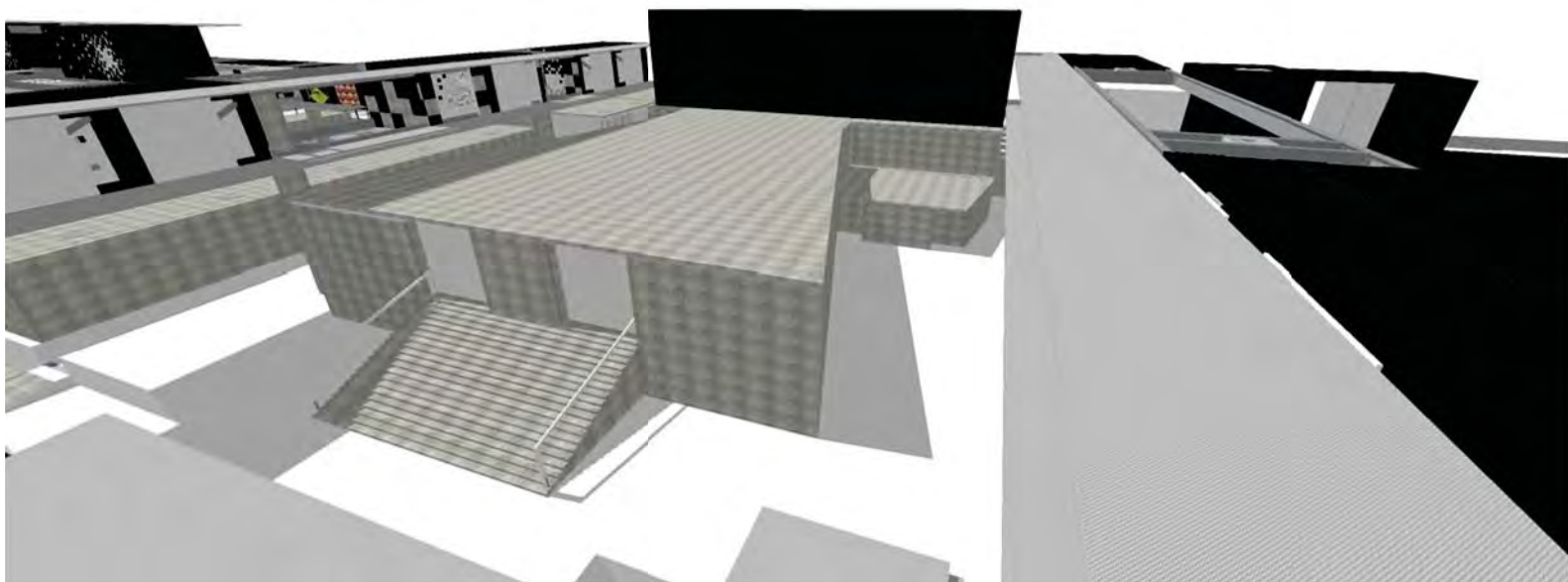


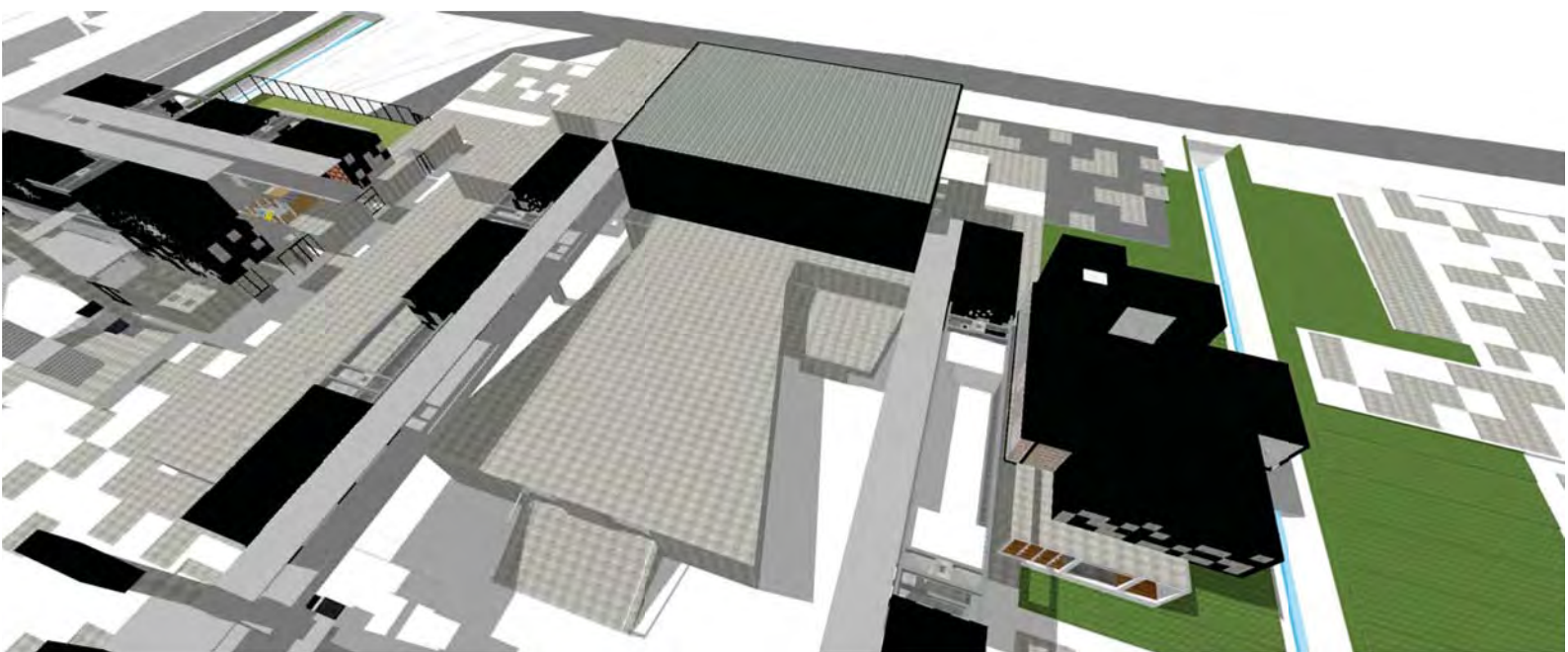
O teatro foi idealizado para atender um público de 350 pessoas.

Sua principal característica funcional é a parede dupla que define todo seu perímetro.

Está preparado para receber espetáculos de grande porte pois além de um grande palco, possui ainda espaço para pequenas orquestras e generoso espaço no subsolo para aquecimento ante espetáculo.

Por estar centralizada no edifício 2, permite que seus frequentadores tenha acesso a outras atividades que ali ocorrer. Mais uma vez, o alcance da conjugação de atividades.







Desde o início do projeto, este equipamento já estava incluso pela demanda que a Cidade tem.

Em parte, seu lay out foi pensado como as grandes livrarias atuais funcionam: oferece comodidade para a compra e leitura no local. Daí, a presença de poltronas e similares.

O espaço haveria de ser simples e aconchegante, familiar.

Quanto ao partido, seguiu a implementação dos materiais e sistema construtivo já citado.

# PLANTA PAV TÉRREO

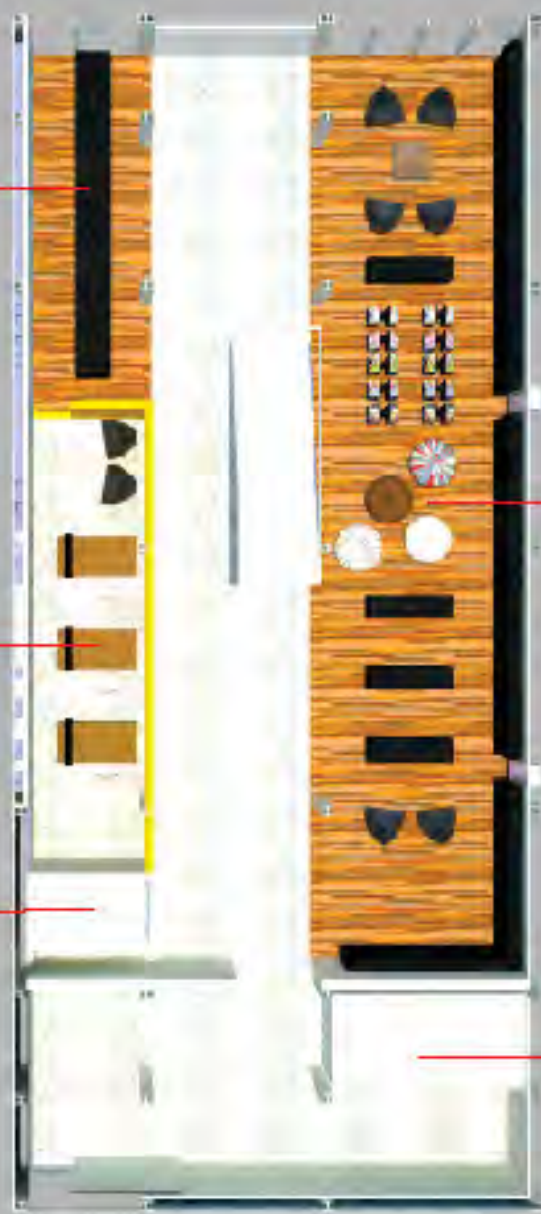
ATENDIMENTO / CAIXA

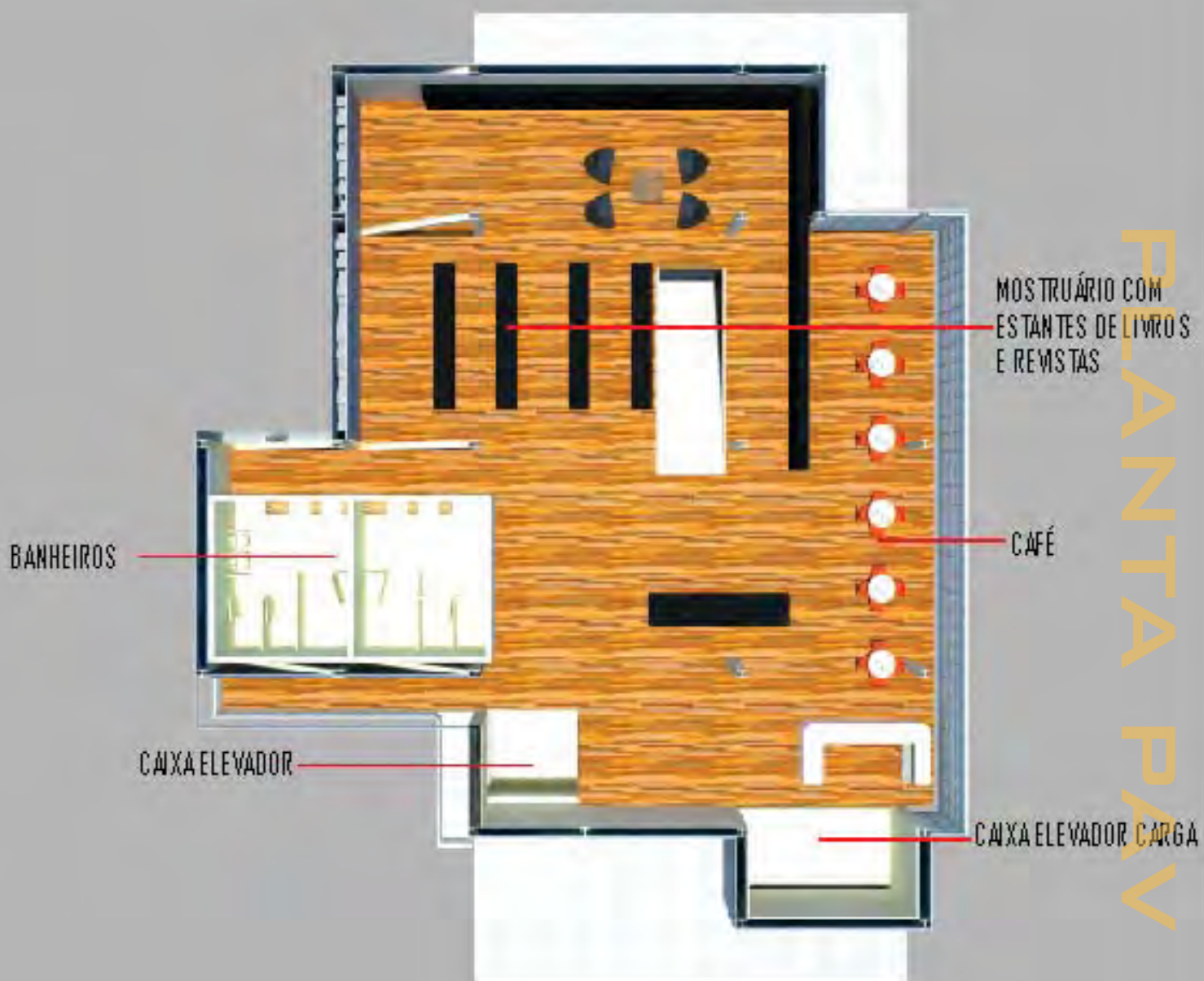
ADMINISTRAÇÃO

CAIXA ELEVADOR

MOSTRUÁRIO COM  
ESTANTES DE LIVROS  
E REVISTAS

CAIXA ELEVADOR CARGA







PISO TÉRREO LIVRARIA



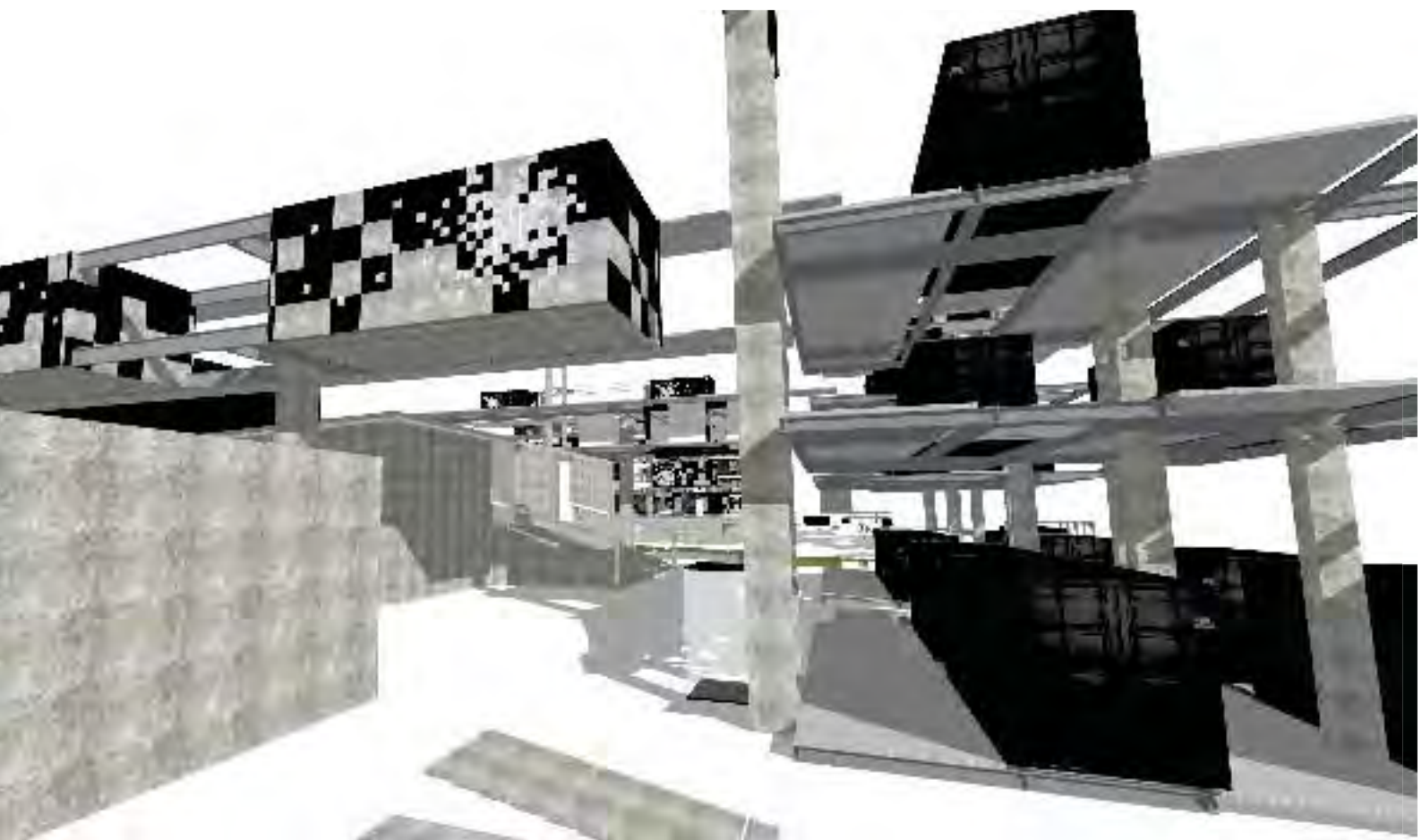
Aqui tem-se a consolidação de grande parte do devaneio: apresenta mobilidade, inconstância, cheios e vazios.

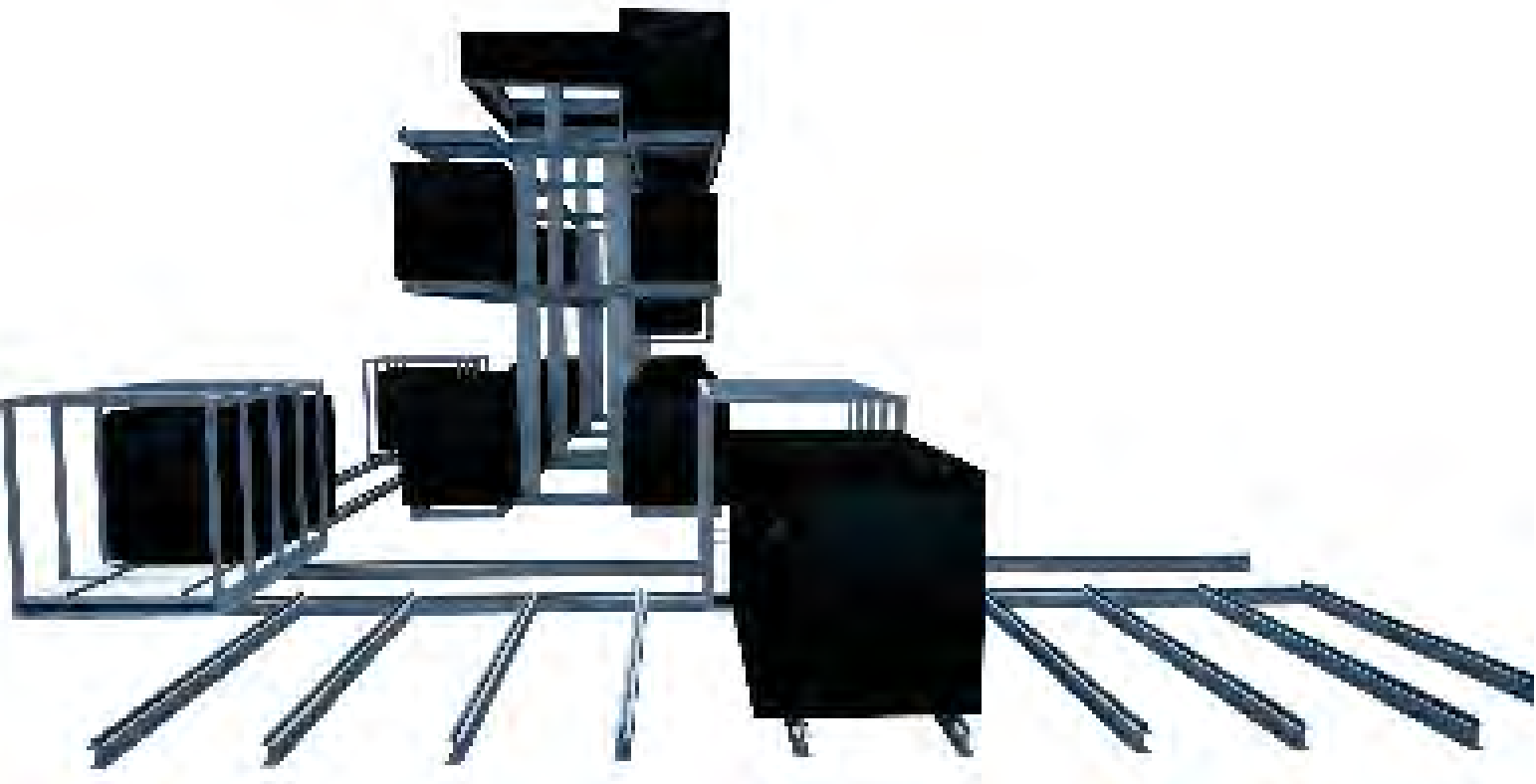
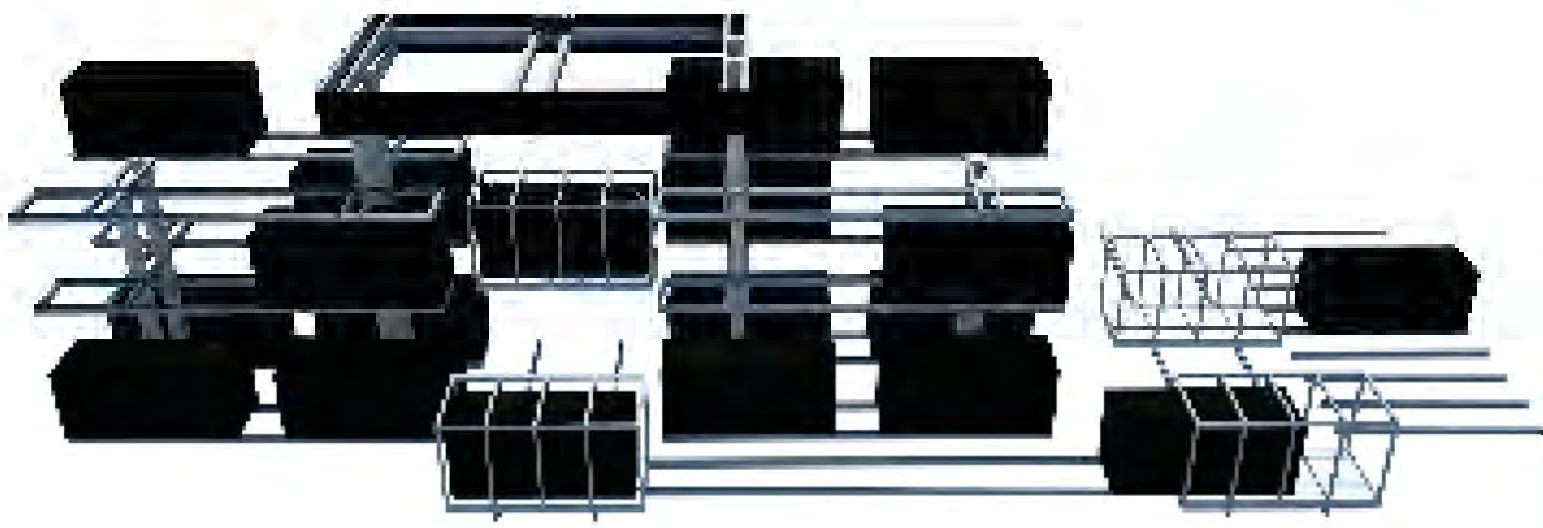
A proposta é que o edifício seja, literalmente, montado de acordo com algum evento que venha a ser apresentado: festa, exposição, feiras, entre outros.

Dentro de uma nova tendência, os containers são cortados e adaptados para poder receber instalações diversas.

De acordo com o evento, ele poderá ser alugado e encaixado no edifício.

Na horizontal, seu deslocamento é feito por rodas e motor próprios. Já na vertical, espécie de uma ponte rolante o eleva até o andar desejado.







Tem-se aqui a simulação de um evento de circo: empresas, representantes, artistas e outros interessados poderiam alugar por um determinado tempo o container e instalá-lo no edifício.



Nessa outra situação, o edifício poderia ser alvo de uma instalação: tem-se a “negação” do construído.

Este foi o primeiro edifício concebido. Foi nele, que desenvolveu-se os materiais, a tipologia e o sistema construtivo,

A discussão foi intensa para se definir como um espaço aberto, democrático, permissor e transponível.

Sua estrutura permite a conjugação não só de atividades, mas de espaços, valores, entre outros valores.

Um edifício que permite ver o além; compreender a gramática projetual proposta; viver o cotidiano por inteiro, ser parte dele.





Um edifício livre ligado pelas escadas e passarelas. A escolha dos dois tipos de acesso foi essencial: que o transeunte, através de um exercício físico diferenciado (rampa e escada) perceba o edifício.

Mais uma retomada das imagens nas portas de acesso: nesse caso, são grafitis de irmãos Os Gêmeos.



ESTAS UNIDADES FORAM DESENVOLVIDAS COM O USO EM ABERTO O VARIANDO ENTRE SERVIÇOS E COMÉRCIO.

ESPAÇO LIVRE, DESTINADO A ATIVIDADES DIVERSAS POSSIBILITANDO TER VÁRIAS FUNÇÕES AO MESMO TEMPO

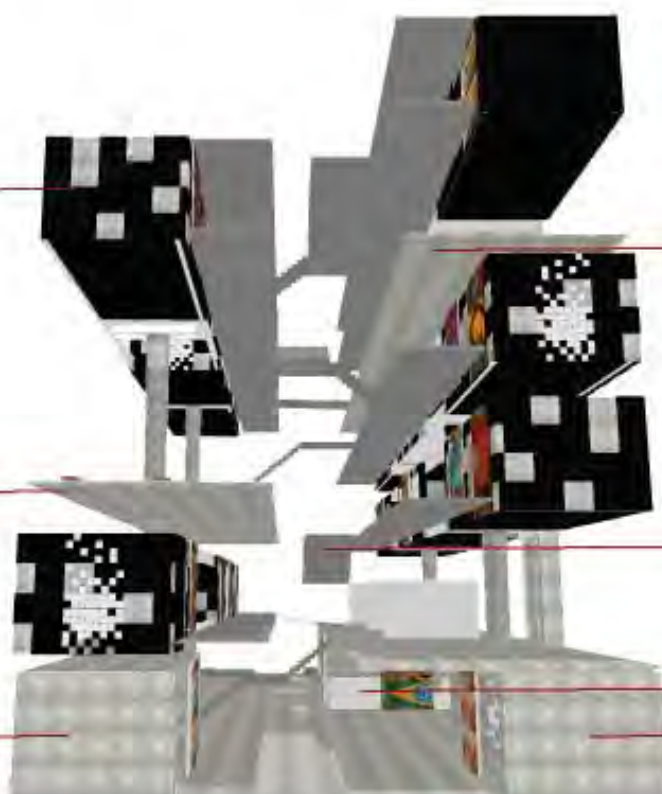
PROPOSTA DE JARDIM ELEVADO

A TIPOLOGIA FOI CONCEBIDA PARA QUE AS ESCADAS PUDESSEM CORRER E SE DESLIZAR PARA UMA OUTRA UNIDADE, ASSIM, REFORÇA O CONCEITO DE MOMENTANEDADE.

ALIMENTAÇÃO

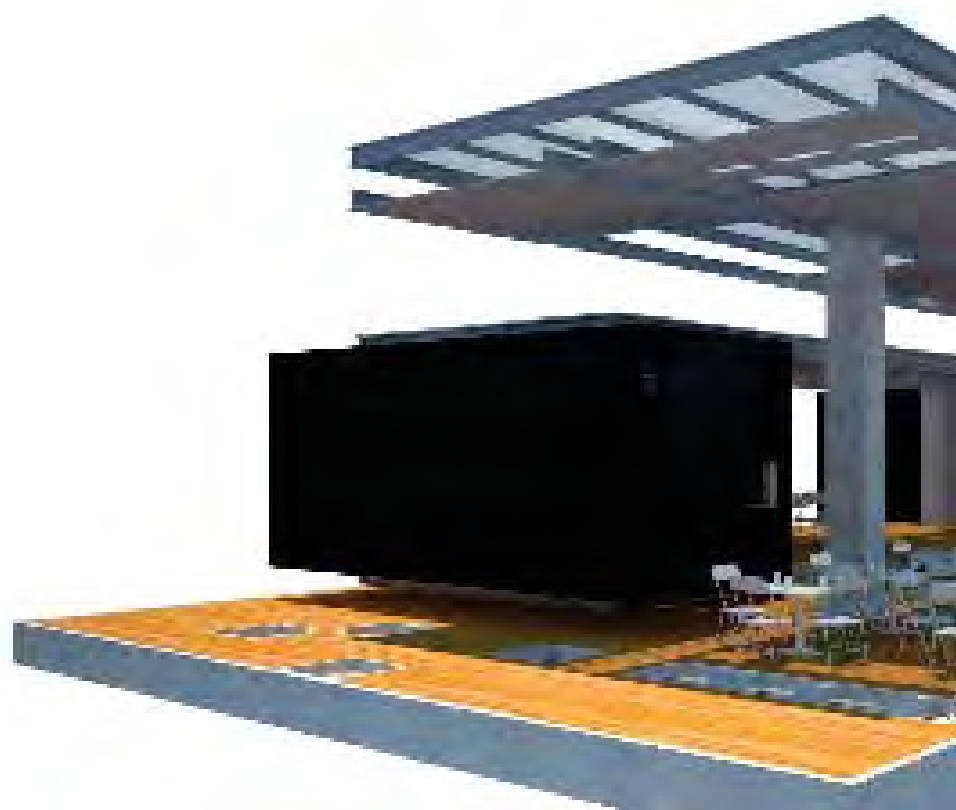
PADARIA

ALIMENTAÇÃO



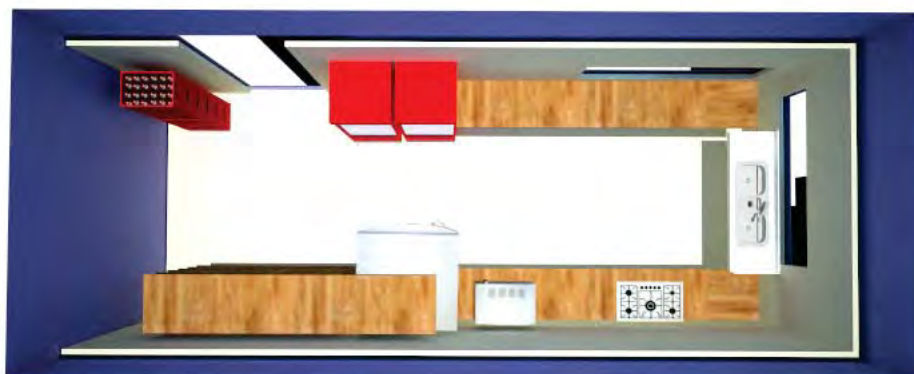
Responde às demandas mal resolvidas no bairro: os trailers.

A proposta visa a legalização e modernização deste equipamento já existente no mesmo local de sua implantação aqui. Também se encaixa na proposta de mutabilidade, inconstância e informalidade.

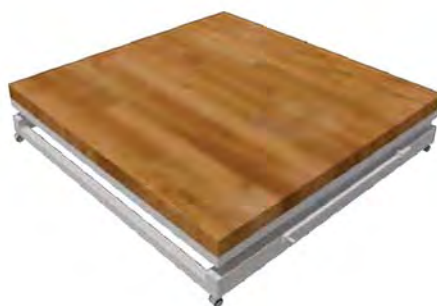


Nesse caso, também será utilizado o container reformado.

Abaixo, figuras de sua apropriação e possíveis adaptações.







O edifício abriga uma significantes estrutura que permite alterações em seu lay out de acordo com a ocasião. Acima, a unidade de piso de 1x1 (m). A sequência de imagens permite ver a sua facilidade em manusear. Com isso, o proprietário pode ter um novo bar diariamente.

As próximas imagens mostram o deslocamento das placas de forro que ficam sob a cobertura de policarbonato. Ainda, é possível ver a mudança de composição das mesas e do piso.



Essa busca possibilitou enxergar o alto grau de nossa intervenção quando projetamos. Mesmo querendo o melhor para os usuários, talvez seja o que eles menos querem.

Ficou evidente a necessidade de se conhecer o cotidiano, as histórias, a vida da localidade a intervir.

No início, tinha a meta de inverter a posição de alguns elementos como a feira livre, o varejão e o estacionamento. Agora concluo que eles se respeitam e vivem bem assim, não há motivos para intervenção,

A cada dia devemos buscar mais valores nas coisas simples, rotineiras e tão necessárias, afinal, Viver deve nossa principal atividade





## BIBLIOGRAFIA INICIAL

- 1\_ BANDEIRA, Manuel. Libertinagem. 22ª edição Editora Nova Fronteira. 2000.
- 2\_ SANTOS, Milton. Da totalidade ao lugar. Edusp.
- 3\_ ROSA, Guimarães. Primeiras Estórias. Edição 49. Editora Nova Fronteira. 2001.
- 4\_ SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; VOGEL, Arno. Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3ª edição. Projeto Editores Associados Ltda. 1985.
- 6\_ AGUIAR, J. S., AGUIAR, D., dasgarAgens. In VIRUS. N. 3. São Carlos: Nômades.usp, 2010. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus03/submitted/layout.php?item=4&lang=pt>. Acessado em: 24/04/2011.
- 7\_ HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitetura. 2ª Edição. Martins Fontes. 1999.
- 8\_ ARTIGAS, Fundação Vilanova. Vilanova Artigas.